

frios onde a humanidade abrolhou, resplandeceu no firmamento da Grécia, sobre a acropole branca, clareou Roma, demorou-se á beira do Atlantico, sobre o caprichoso recorte das costas, e seguiu a esteira da caravella no oceano bravio que ella avassalou. Está hoje no céo da America.—Depois, a Historia ensina que a unidade terrivel resistiu aqui ás dissociantes naturaes, á conspiração politica, á cubica estrangeira, e os precalsos conjugados da desmesurada superficie e do ralo povoamento, nem francez, castelhano ou flamengo, aforçurados em quebrar-lhe, levaram por diante o intento. Afinal, uma consciencia brasileira se nos forjou, nas officinas ethnicas e historicas, ao calor das batalhas pelejadas pela posse do Paiz, pelas idéas e pela honra. Terra de conquista, havia o espirito militar de animar-lhe os devassamentos, os artifices do governo anteiros da liberdade, os pioneiros do emquanto não assimilou, pela evolução ideologica, a juridicidade, os *convencionalismos intellectuaes*, o cosmopolitismo moral de um seculo que teve a propriedade de uniformizar o vernigel de cultura, onde quer que a barbarie não o estalou.

A bibliographia colonial marcou esse rumo franco de idéas, com os prescriptos, as monographias, as gratulatorias de louvor politico, que se atinham, com a primitiva historia, aos homens celebres, que a elles sómente, como ás culminancias de um confuso systema orographico entranhado nas caligues do tempo, admiravam o povo e os sábios. Mas essa histo-



riographia balbuciente se tinge do alaranjado dos nossos crepusculos e respira a fragrancia das nossas florestas que palpitam de um farto esto genético: aos chronistas que emolduram os factos historicos com a descripção do paiz, a sua maravilhosa geographia, o mysterio dos seus *desertões* e a variedade da sua flora—sucedem os biographos de rythmo elegiaco, ternos e suaves, ou os memoristas abraçados ao seu estandarte de guerra e ao seu guião cruzado. Gandaro, Gabriel Soares, Fernando Cardim, Frei Vicente do Salvador, são substituidos no proscenio literario pelos narradores—rhapsodos do periodo hollandez, interessados em abrir nos frontões genealogicos novos escudos d'armas. Rocha Pitta, na Bahia, Loreto Conte, em Pernambuco, Pedro Vasques, em S. Paulo, tentam, com o seu estylo academico, impregnado de arca-dismo, alguma curiosidade de documentos, muita vivacidade de imaginação, conciliar os varios generos num escorço, geral ou particular, de historia instructiva.

Os allemães, após os desastres nacionaes que lhes chegaram aos reinos e principados com a onda napoleonica, procuraram no passado vibrações e enthusiasmos que restituisssem á lassa fibra popular as perdidas sonoridades. Mas não cantaram, melancolicamente, as glorias antigas—no que imitariam os heróes desgraçados sobre os escombros da patria; senão, das tradições estuantes de espiritualidade, arrancaram as vivas notas canglorosas de um hymno, que carecesse á volta da nação o brado de despertar, e lhe agitasse, até ás mais intimas, as energias obs-



curas que faziam a sua grande força inerte. Leibnitz, Jahn, Fernando Stiehl, arvoraram a nova bandeira da historia—dynamo, da resurreição do heroismo pelo elogio delle, do culto da honra patriotica pela adoração das suas manifestações famosas, que constituíam imperativos eloquentes e brilhantes. Não se queira vêr nesse methodo de reeducação collectiva, novidade assás inédita. Em outra lympha não bebêra a intuição japoneza o seu vigoroso sentimento nacional, que já sensibilizava, em plena era missionaria, o padre João de Lucena, quando descrevia o amôr dos “samurais” á honra. Está no “Buhido”, esse evangelho de conducta sensata, o mandamento illustre. Preconisaram-no, por seu turno, os latinos, que tão ciosos foram sempre da pureza da verdade, quando ella envolvia a consagração pelas plébes e a immortalidade historica: a crêr em Lipsio era castigado, physica e moralmente, o soldado da legião que exaggerava até á mentira os proprios feitos. E até as gentildades selvagens, de arco e flexa, presentiram a importancia educativa da memoria dos bellos actos e das grandes proezas, que entre os tupinambás, conforme Gabriel Soares, que muito os conheceu, se tinha por uso lembrar, um parente do morto as façanhas delle, antes de lhe dar a tribu sepultura. Em círculo, attentos, á narrativa, os jovens guerreiros e os pagés descarnados pasmavam, na sua admiração cheia de respeito, e os velhos tupicos, de alto cocar, juravam conduzir os filhos pelas verêdas da vida até ás clareiras da glória...

Num tempo longinquo, os alaudes do Thabor,



do Hermon e do Sinai foram tristemente suspensos dos salgueiros que margeavam o rio da escravidão— e os ventos vespertinos sacudiram as suas cordas silenciosas para que gemessem também sobre a miséria e a dor incalculáveis. Agora, os clarins soam à frente dos exercitos, musicalizam a sua alegria feroz, para os céos atiram o desafio das notas estridentes onde se casam ruidos de cavallaria e o arquejar pezado do canhoneio—e palmilham as estradas da vida.

Se é indiscutível, porém, que os «Lusiadas» fizeram peor mal à denominação hespanhola que toda a nobresa de Portugal; se é indubitavel que Schiller valeu, na Allemannia, Blucher, com os seus dragões, e Schwarsenberg, com as suas infantarias; se é certo e publico que na Grecia se ganhavam combates á nepoléa de canções e a «Marselheza» foi um general também, quasi como Vendôme ou Turenne,— ha que considerar igualmente que os exemplos e as lições da historia pouca cousa são, se fazem somente uma geração de super-homens. Soccorridas da hermeneutica, apoiadas na technica vivificada pela pesquisa, interessadas nas reconstrucções integraes, devem applicar-se ao robustecimento continuado da moral popular. Não numa epoca determinada—de fortes abalos e desillusões crueis. Mas pelo tempo adiante, como o pão de todo o dia: que o conselho da velhice experiente não ha de descontinuar-se, para só valer numa era certa, senão prolongar a influencia infindamente, a acompanhar as populações que



se desdobram, e essa mesma historica, que não acaba nunca.

O *symbolo*, que communga da fé essa crença que, parecendo cegueira, é visão privilegiada; a *critica*, que discerne a ganga pobre no ouro puro; a *contem-  
plação*, como preliminar da imitação, que constituia a virtude primaria dos povos triumphantes — imitação dos sacrificios, honrosas pelejas, justas attitudes, altivas sobrançerias plasmadas na idéa fixa do aperfeiçoamento humano — compõem forçosamente o triptico em que se revela a historia-didactica, a historia-activa e a historia-moral. O *symbolo* é alguma cousa como o archetypo aristotelico: o typo maximo, a figura-padrão, a medida dos valores pessoaes, que acaudilham as massas e dirigem os povos. A *critica*, humanizando o *symbolo*, pelo seu estudo scientifico, experimental, desarmado de apriorismos banaes, com a preocupação da verdade possivel que nos espera na ultima decomposição da *conjectura* — despe da roupagem superflua da lenda o facto e o homem, e a um e outro attribue a caracteristica justa. O *symbolo* é Napoleão, a *critica* é Thiers. A historia de Bonaparte contada, numa granja, pelo granadeiro invalido, de que fala Balzac, é o *symbolo* sem a *critica*. O curso visto pela duquesa d'Abrantes, explicado por Bourriéne (oh secretarios implacaveis!), divulgado pelos seus medicos, é a *critica* sem o *symbolo*. Paul Deroulede amassou na sua poesia de aggressivos nacionalismos ambos os elementos da historiographia



popular—e cantou, sobre a França de 1870, o desagravo e a vindicta.

Ao povo importa o symbolo, que melhor comprehende, pela circumstancia mesma do seu mysterio; a critica importa ao povo, na epoca da imprensa, da democracia, da instrucção diffusa e da machina; mas são conhecimentos de proficuidade improvavel, se não se affirmam praticamente na coragem da imitação, na bravura da imitação e no desassombro da imitação.

Bem o entendeu De Amicis, ao colleccionar, como um jardineiro que faz um ramallete, os mais lindos contos civicos num livro para creanças. Forçoso é que cada um de nós a si mesmo se assegure que, em occasião semelhante, agiria como o pequenino heroe, que não mentiria como elle, ao seu dever profundo, que, como elle, tudo sacrificaria á sua patria; mãe primeira, sobretudo mãe.

Por essa razão, o cuidado da commemoração civicica; o zelo da tradição engrandecedora e o carinho dos nomes gloriosos constituem seria preocupação dos governos cultos, e, naturalmente, o terror dos governos despoticos e impopulares, que se arreceiam delles como de um latente sentimento sedicioso. Que a honra é irmã da liberdade; que a gloria é patrimonio de livres; que a historia, por isso, é templo de politica, e onde, como aqui, se entra de frente erguida e orgulhosa, porque os trophéos que o adornam trouxeram os avós das lidas sagradas pela justiça, pela dignidade humana e pelo direito dos povos.



## A LIÇÃO DE S. PAULO

Discurso pronunciado no encerramento da 3ª Conferencia Nacional de Educação, em S. Paulo, pelo Dr. Anísio Spinola Teixeira.

Ao encerrar-se a terceira Conferencia Nacional de Educação, quizeram, senhor Secretario, os generosos collegas desta assembléa, fosse um dos representantes da Bahia, que viesse saudar v. exa. e dizer do jubilo do coração, com que, por semana assistimos o espectáculo brasileiro, na terra esplendida de S. Paulo.

Esses oito dias que viemos aqui passar, no agasalho da gente paulista, foram dias grandes e felizes para todos nós. Na immensa terra brasileira, S. Paulo avulta com tamanha preeminencia, que é, aqui, o ponto strategico, onde todos devemos vir para fortalecer, em nosso coração, a confiança nos destinos da patria commum e para elucidar, em nossa intelligencia, o sentido da actividade brasileira.

Todos eramos aqui elementos de responsabilidade na orientação do problema nacional da educação, cujas soluções viemos agitar e debater. E se, por certo, não poucos foram os fructos desse certame



de intelligencia entre os educadores brasileiros, cumpre-nos reconhecer que esses fructos foram, em muito accrescidos, pela demonstração que S. Paulo nos offereteu do que o labôr, a riqueza, o senso de realidade, a pertinacia e a intelligencia paulistas já construíram no serviço de educação de sua gente.

\*  
\* \*

Passado o surto epico da conquista do continente, quando a coragem e a iniciativa do bandeirante abriu de caminhos e semeou de povoações a terra fechada do Brasil, a gente brasileira, de posse do presente magnifico da terra, consummou a sua obra pela declaração da independencia. Succedeu, então, como um periodo de descanso de batalha ganha. Possuida a terra, restava o problema maior de exploral-a, mas o brasileiro estava ainda no deslumbramento da conquista soberba. Servido pelo escravo, como um rei, elle descurava dos recursos de sua gléba, construindo na terra sadia da America, uma aristocracia alhejada das responsabilidades maiores da construcção do mundo novo que lhe viera ás mãos.

Com a abolição da escravatura, e pouco depois, a proclamação da Republica, se iniciou o novo cyclo brasileiro e com elle despertou a consciencia da obra nacional a realizar. Ahi estava a terra, rica de recursos, mas esquiva ao manejo e tratos humanos, na sua extensão desarticulada e na agrestia de sua virgindade bravia e intacta. F. sobre ella, o homem brasileiro, que era uma mistura heterogenea de raças diversas,



a que a formação histórica de senhores e escravos viera agravar, com a desuniformidade social, a desuniformidade ethnica.

Nem por isso, entretanto, vacillou a coragem brasileira diante do problema da exploração da terra possuída e quasi intacta e da integração ethnica do brasileiro. Com o empirismo messianico de um povo jovem, não delineou planos, nem empfeendeu subordinar o seu trabalho a analyses praticamente impossíveis dos seus problemas. Atirou-se francamente ao regime imprevisito da experiencia e erro. O primeiro periodo da Republica foi assim o periodo anterior á organização. Politicamente, a intelligencia verbal de alguns «leaders» traçou constituições que nos cabiam ainda tão mal, que eram simplesmente ideaes que talvez alcançassemos um dia. Socialmente e economicamente eramos um povo em franca effervescencia, á procura das formulas de nossa civilização. A exploração da terra, entretanto, que proseguia febril e frutifera, dentro de pouco fazia affluir para esse trabalho, em concurso inestimavel, a gente laboriosa e activa de paizes super-populados da velha Europa. Como nos Estados Uaidos, assistimos dentro da mesma terra, gentes de nações diversas, no mesmo afan commum de construir uma patria nova, rica e livre, se irmanarem na mesma actividade e no mesmo ideal.

As tres primeiras decadas da republica se passaram nesse trabalho impreciso mas vigoroso, em que as linhas da grande construcção brasileira ainda mal se definiam. Pouco a pouco, entretanto, a obra co-



meçou a ganhar segurança e nitidez e entrou, em parte da terra brasileira, francamente pelo período de consolidação e organização.

E' nesse período que vimos encontrar S. Paulo. A terra já se articulou por um systema de estradas, notavelmente desenvolvido. A riqueza e a expansão economica, ganharam nas suas admiraveis culturas agricolas e no seu promissor systema industrial a segurança e o impeto de forças em plena eclosão. As cidades nascem e crescem com o inesperado de energias latentes que viessem de muito sendo sopitadas e que afinal encontram o ponto de menor resistencia por onde fazem a sua apparição surpreendente. E o povo toda porfia, em um labor infatigavel e optimista, na affirmação de suas qualidades nobres e moças de energia, de coragem e de resistencia.

E' nesse quadro de florescimento economico e de prosperidade, que os governos de S. Paulo vêm realizando uma obra admiravel de coordenação, de direcção e de propulsão.

O empirismo do inicio cedeu lugar a uma obra de consciencia, de analyse e de estudo, porque os velhos serviços se reorganizam e os novos se traçam dentro de planos seguros e corajosos. A intensidade com que a obra paulista se está valendo da sciencia para a solução dos seus problemas e para a direcção dos seus serviços é uma dessas demonstrações de maturidade de cultura que chega a surpreender o observador do phenomeno brasileiro.

O modo porque se está atacando o problema



da broca do café, a systematização e audacia com que se indicam novas culturas como a da laranja e do trigo, a segurança por que se está revitalizando, pelo adubo, as terras cansadas, a amplitude com que se fere o problema do reflorestamento do solo, a pertinacia com que se luta pela descoberta de novos recursos mineraes, como o petroleo e a hulha, o impulso que os imprime á expansão do systema de estradas,—são symptomas de que S. Paulo ganhou uma consciencia scientifica de governo que sobremodo honra as suas organizações e os seus leaders.

Mas, senhores, dentro desse vertiginoso trabalho de organização da terra e do ambiente, S. Paulo não descursa do problema humano, por excellencia, a educação.

No realismo constructor dessa gente energica e pratica, e no espirito de democracia, e de liberdade individual que lhe vem inspirando a accção, a escola appareceu como o centro onde as desigualdades se esbateriam e se daria ao homem esse cabedal minimo de oportunidades, com o qual elle poderia entrar na grande aventura da terra paulista.

Não se ignorava, aqui, que através de educação é que a sociedade poderia "reformular a sua propria finalidade, reorganizando seus meios e recursos e modelar-se desse modo, definida e economicamente, pelos ideaes que ella aspira attingir".

Mas não teve, de logo, o serviço publico de educação a presumpção de poder assim se organizar, integralmente. O paulista, antes de tudo, não é um



visionario. A sua imaginação, adestrada na realidade immediata de sua luta diaria pela vida, não se enthusiasma sinão pelos ideaes praticaveis e exequiveis. Se um dos traços mais definidos por onde se pode caracterizar a escola é um traço de idealismo—o de seu vigoroso espirito democratico,—nem por isso deixou a sua organização de se prender estRICTAMENTE aos limites da sua possibilidade de execução.

Esse idealismo organico e constructor, fez, com que aqui, primeiro que tudo, se buscasse dar a todos a oportunidade de frequentar a escola. Fosse preciso reduzir os cursos até o minimo, não importava, contanto que se extendesse ao maximo o numero de paulista que por ella viessem a ser favorecidos.

Ao lado, porém desse ensino universal primario, começava-se a organizar o plano de um systema escolar, onde se offerecessem, em cada grau, as oppor-tunidades educativas que os recursos do meio viessem permittir. E hoje, somos todos testemunhas da expansão e da prosperidade desse plano, na rede de escolas primarias espalhadas por todo o Estado e montadas com o carinho e a eficiencia de uma obra de sinceridade e de democracia, nas suas grandes escolas normaes vastas e amplas, e nos institutos de ensino superior, onde ao lado da consummada organização especializada, se está reivindicando para o preparo e formação do tecnico paulista, as qualidades honestas de seriedade e de eficiencia, que caracterizam todas as boas escolas superiores de paizes já organizados.



Com este vasto systema de escolas, dominado altamente pelo criterio economico—pareceu-me um symbolo comparar o edificio do *gymnasio academico* com os das magnificas *escolas profissionaes* — e pelo espirito democratico, offerece S. Paulo, dentro da relatividade do meio brasileiro, no primeiro systema uniforme e progressivo de educação, por meio do qual elle distribue, a todos, ou a quasi todos, aquelle minimo de ensino strictamente indispensavel á vida civilizada, e depois começa, através das demais escolas, a selecção dos mais capazes, que são gradualmente habilitados para o trabalho nos differentes quadros da actividade paulista.

Nessa organização educacional do Estado, não ha somente a efficiencia de execução do administrador e do professor, como a visão larga do estadista. Toda obra de educação é, pela amplitude de sua finalidade, obra politica. É a formação nacional que se processa nas escolas. Assim para traçar-lhes o plano, como para se marcarem os limites de sua execução, nenhum paiz pode prescindir da visão do estadista, ao lado da mão segura do administrador. Velar pela organização intellectual de um Estado, como este, que é bem uma nação, habilitando o homem para uma honesta entrada na vida, preparando os mais habéis para a possibilidade de uma expansão plena de seus valores e prevendo ainda meios para que a cultura paulista attinja essas cumiadas de especialização por que se hão de abrir os horizontes largos da sua cultura scientifica,— é obra que se não restringe sim-



plesmente ao raio visual especializado do tecnico, mas que exige o genio e a visão global de um homem de Estado que tenha a intelligencia das possibilidades brasileiras e perceba os caminhos por onde ellas virão expandir-se.

E foi essa obra que viemos surpreender aqui, senhor secretario, na terra magnifica que o governo paulista orienta com tino tão alto e com tão agudo sentido de suas realidades.

A nossa alma de educadores, que se não deixa cegar pela experiencia especializada de nossos estudos, mas que vive a espreitar nos homens publicos, a scintilla criadora do estadista, que saiba despertar o genio da nacionalidade,—a nossa alma se poz toda em festa, diante do milagre da administração paulista, dessa administração, que, ao meu vêr está, pela primeira vez, pondo a serviço da realidade brasileira, um espirito deliberado de objectividade scientifica e de organização systematizada.

Não é só daqui que se diz, mas dos paizes mais avançados da terra, que estamos apenas a inaugurar um periodo novo da historia humana. Facilitada pela sciencia a possibilidade de exploração industrial dos recursos da terra e despertado, por todo o mundo, um sadio espirito de democracia e de igualdade entre os homens, está-se a iniciar, nesta era moderna da machina, o primeiro periodo de verdadeiro progresso. Nenhum de nós pode prevêr limitações das reservas materiaes do nosso planeta, nem a possibilidade de



aperfeiçoamento progressivo do homem e das suas instituições.

E nesses primórdios de uma civilização nova, acontece paradoxalmente talvez, que os paizes jovens que somente agora estão despertando economicamente para a vida levam vantagem inevitavel sobre aquelles em que uma longa e profunda tradição alimentada e desenvolvida sob os influxos do velho espirito, difficulta e limita a necessaria reconstrucção social.

Nessa situação é que se encontra o Brasil, que atrazando-se na sua marcha civilizada, vê-se agora, com a possibilidade admiravel de se organizar sob os moldes mais recentes do desenvolvimento moderno. Essa obra, porém, tornou-se de uma complexidade assombrosa, que, sem leviandade, os homens de consciencia do paiz receiavam não fosse atacada com a seriedade e a segurança que os novos problemas requeriam para organização global de suas soluções.

Desse receio São Paulo nos dissuadiu com a demonstração que aqui testemunhamos, do modo por que os problemas nacionaes estão sendo encaminhados, neste Estado, onde o Brasil está a marcar o passo mais avançado de sua civilização.

São Paulo é, graças a essas circumstancias, uma escola experimental do estadista brasileiro, que aqui se familiariza na concentração do territorio paulista, com os problemas mais importantes e mais cruciaes do desenvolvimento brasileiro.

Partimos assim daqui, todos, senhor secretario, com uma alegria nova a cantar em nossa intelligen-



cia de patriotas, deixando por entre o povo paulista, com o nosso alto sentimento de gratidão, a admiração commovida e cordial de quem o reconhece como o irmão mais forte e mais crescido, a quem compete guiar, neste momento, a nacionalidade para os seus destinos maiores.

A S. Paulo, ao seu presidente, ao corpo de homens que o guia, a expressão muito grande do nosso profundo reconhecimento de brasileiros.



## COMO DESENVOLVER O ENSINO PROFISSIONAL NA BAHIA

Conferência do Engenheiro Americano Simas, na Escola Polytechnica da Bahia, sob os auspícios da Associação Bahiana de Educação.

*Illustre Sr. Director da Escola Polytechnica.*

*Exmas Senhoras.*

*Meus Senhores.*

Escolhido para a commissão do ensino profissional na Semana da Educação, organizada pelo Departamento da Bahia da Associação Brasileira de Educação, embora o mais humilde dos seus associados, sou levado pela importancia que tem o assumpto a dizer algo sobre a sua organização na Bahia, procurando desempenhar-me desta incumbencia sem muito fatigar o illustre auditorio, expondo succinta e resumidamente as ideias que julgo mais acceitaveis para resolver principalmente a parte economica do assumpto, sem a qual todas as iniciativas serão frustadas, por mais abnegadas que sejam.



\*  
\*  
\*

«Libertar o pensamento e o sentimento de qualquer tutela, reduzindo gradualmente o papel do professor em proveito da responsabilidade do estudante, tal é o fim da educação.»

(Omer Buyse—Methodos americanos de Educação).

Educar é modificar, aperfeiçoar, as inclinações e os sentimentos, fornecendo os meios de acção e os conhecimentos indispensaveis á vida pratica, tornando o homem util a si e á humanidade e capaz de ser livre.

O Snr. Eliot—diz: O mais importante progresso realisado no systema de educação, é a individualisação da instrucção de modo tal que encontre as necessidades precisas e desenvolva as faculdades e capacidades de cada personalidade em cada etapa do seu desenvolvimento.

O ensino nos laboratorios, o de trabalhos manuaes, os trabalhos nas officinas e campos de experimentação, são similares como instrumentos de educação, porque contribuem para melhorar e libertar os jovens.

A educação do proletario na escola profissional elementar é feita quasi exclusivamente cultivando o solo, trabalhando em officinas e nos laboratorios e—d'ahi a sua grande eficiencia.

E' necessario que o operario seja um homem instruido, capaz de economisar a mão de obra pelo



emprego da machina, ferramenta aperfeiçoada, sendo indispensavel mais cerebro e nervos que musculos; mais attenção, decisão rapida e habilidade em manuseal-as, que força physica.

O exemplo esmagador do desenvolvimento industrial dos Estados Unidos, cuja potencia creadora, actua com magnifica aparelhagem, fructo da educação professional, technica, elemental, media e superior, indica que esta é a alavanca efficaz que tem produzido taes resultados.

Um operario americano produz mais do que um inglez, este que o francez, porque o americano emprega a machina em larga escala e a base dos seus methodos modernos de ensino é aprender fazendo.

\* \* \*

Quando observamos o que se tem feito na Bahia para desenvolver as forças productoras, industriaes e agricolas, do Estado, verificamos que o meio mais efficaz, que é o ensino professional tecnico, elemental, medio e superior, não é utilizado convenientemente.

O Sul do Paiz tem conseguido conquistar, rapidamente, lugar saliente no progresso mundial, importando o trabalhador europeu já regularmente educado, reunindo as capacidades que surgem em todo o Brasil, nos varios ramos da actividade humana, e amparando o ensino professional.

A Bahia, donde tem seguido para o Sul do Paiz tantos intellectuaes que cooperam com brilho



no magisterio, na literatura e na administração do Paiz, e braços muito estimados pela sua actividade e producção, descura completamente de melhorar as condições de vida da sua população.

O augmento da riqueza publica, effeito immediato da melhor educação agricola e industrial, unico recurso efficaz no Norte, já que a immigração europeia, pelas condições climatericas, prefere o Sul do Paiz, só é possivel com o desenvolvimento do ensino profissional.

Vemos com tristeza o exodo do pouco que temos, quase nada se fazendo para desenvolver a producção e a circulação da riqueza, donde resultará o bem estar geral e a fixação do homem ao solo pelas condições satisfactorias de vida.

O que se tem feito para melhorar o bem estar da população deste grande Estado? Muito pouco, porque a causa fundamental deste estado de coisas é a falta de educação do povo, e enquanto não se educar convenientemente o homem para tornar-se um elemento consciente do progresso no meio em que vive, produzindo mais e melhor e tornando o meio mais atrahente, não ficará resolvido o problema.

Vamos fazer algumas considerações para dar ideia clara do nosso atrazo em educação.

A população escolar do Estado, de alumnos de 6 a 12 annos (idade escolar) é, approximadamente, de 400.000 creanças, admittindo o periodo escolar de quatro annos, porque se o elevarmos a 6, subirá a 600 mil a mais.



Tomaremos porém para base o periodo de 4 annos, ou 100 mil alumnos por anno. Assim deveriamos ter, na media, cem mil alumnos matriculados nas Escolas primarias e cem mil alumnos terminando o curso elementar annualmente.

Qual a educação ministrada a estes cem mil jovens de 11 a 12 annos de idade? Uma pequena porcentagem, 5 a 10 mil, no maximo, continuam o curso primario e, posteriormente, passam aos gymnasios, escolas normaes e matriculam-se, depois de terminado o curso gymnasial, nas Escolas Superiores, (Medicina, Engenharia e Direito—Escolas Militares, etc.) e 90 a 95 mil, a grande massa da população, fica sem educação conveniente, admittindo que tenham aprendido a ler e escrever, o que não é certo. *Vemos pois, que 90 a 95 por cento da população fica sem educação !!!...*

O que deveria ser feito dessa mocidade?

E' facil indicar o partido enorme que poder-se-ia tirar dessa massa inculta, que não produz quasi nada, organisando o ensino profissional no Estado, sob bases modernas, gastando alguns milhares de contos com a educação do proletario, para colher resultados compensadores de tal esforço, como vamos demonstrar.

Esta organização para tornar-se economica, continua e efficiente, deve ser feita por intermedio de Instituições particulares.

Consideramos esta afirmativa como um axioma,



e quem conhece os azares das administrações publicas em nosso Paiz dirá que temos razão.

Admittamos pois que o Estado utilize os estabelecimentos particulares existentes, taes como O Instituto Polytechnico da Bahia, O Abrigo dos Filhos do Povo, Os Salesianos, O Lyceu de Artès e Officios, O Centro Operario, A Escola Commercial, etc. e mesmo a A. B. E. e, por meio de auxilios bem calculados, em titulos do Estado, para formação de patrimonio, cuja renda seja sufficiente para custear os cursos agricolas, industriaes e commerciaes, creados por estas instituições, que serão obrigadas a cumprir programas racionaes e bem estudados, adaptados ao meio, tendo os cursos cunho essencialmente pratico. Supponham que o Ensino Agricola e o Industrial sejam confiados ao Instituto Polytechnico da Bahia, Salesianos, Centro Operario, Lyceu de Artes e Officios, creando o Instituto Profissionaes da Bahia:

a) escolas agricolas elementares no interior do Estado (aprendizados agricolas);

b) escola superior de agricultura nas proximidades da Capital (agronomos e chimicos agricolas);

c) escola media de agricultores (feitores);

d) escolas profissionaes elementares (Escola de Artes e Officios) na Capital e nas principaes Cidades do Estado, onde qualquer jovem possa aprender uma profissão instruindo pedreiros, canteiros, estucadores, carpinteiros, marceneiros, polidores, entalhadores, ferreiros, serralheiros, caldeireiros, mechanicos, electri-



cistas, etc. recebendo auxilios proporcionaes aos serviços prestados.

O Lyceu, o Abrigo, o Centro Operario e os Salesianos, educarão tambem operarios em suas escolas profissionaes auxiliadas pelo Estado.

Admittamos ainda, para avaliar os resultados dos meios propostos, que sejam fundadas as seguintes escolas:

1 — Escola superior de Agricultura;

1 — Escola de feitores Agricolas;

6 — Escolas elementares de Agricultura (aprendizados agricolas),

6 — Escolas elementares industriaes (Artes e Officios),

tendo uma frequencia media de 4000 mil alumnos: terminando o curso annualmente 1000 alumnos.

Pensamos que em vez de uma subvenção de 72 ou 180 contos, o Estado deve dar de uma só vez, 1200 ou 3000 contos ou mais, em apolices, para formação do patrimonio do estabelecimento, cuja renda annual representada pelos juros das apolices (72 ou 180) custeará a escola criada. O emprestimo será amortisado no praso previsto (24 annos), mas a Escola não deixará porém de existir, pois tem a sua vida garantida pela renda do seu patrimonio.

Para fundação destas escolas terá o Estado de emittir titulos do valor de 30.000 contos, juros de 6 % e 2 % de amortisação, sendo necessarios para o seu custeio 2.400 (2388) contos annuaes, approxi-  
damente.



Assim, com a despesa de 2.400 contos annuaes o Estado poderá educar, tambem, annualmente, 1000 operarios agricolas ou industriaes que, pelo seu preparo, serão capazes de ganhar mais de 10\$ diarios, na media, e produzir outro tanto, ou sejam cerca de 6 contos annuaes, (300x20) que lançados na circulação e transformados em artigos de alimentação, vestuario, etc. produzirão para o Estado uma renda, provavelmente superior a 10 o/o de 6 contos ou 600 mil réis, por anno e alumno educado.

Poderemos pois considerar como valor da receita produzida para o Estado por um operario regularmente instruido, 600 mil reis annuaes. Tomaremos este valor para os nossos calculos.

Além desta renda convém não esquecer que, ao lado de cada aprendizado ou escola agricola, funcionará um campo de experiencias, estudando de preferencia a cultura mais frequente na zona considerada, e que muito contribuirá para o augmento da produção, não sendo excessivo computar em 100 contos no primeiro anno os beneficios resultantes de cada um desses campos, e mais 20% de augmento em cada anno seguinte de funcionamento.

Vamos representar por curvas tendo para abscissas os tempos, a contar de emissão do emprestimo, e, para ordenadas as rendas, despesas, juros e amortisação, etc. mostrando as curvas desenhadas:

1ª) Augmento de renda do Estado pela influencia dos cursos profissionaes;



2.<sup>a</sup>) Augmento de renda do Estado pela influencia dos campos de experiencia;

3.<sup>a</sup>) Augmento total de renda do Estado pela influencia dos cursos e campos de experiencias;

4.) A despeza constante de juros e amortisação do emprestimo de 30000 contos;

5.<sup>a</sup>) As despezas de juros e amortisação, accumuladas, deste o inicio do emprestimo até a sua extincção;

6.<sup>a</sup>) Rendas accumuladas pela influencia dos cursos;

7.<sup>a</sup>) Rendas accumuladas pela influencia dos campos praticos;

8.<sup>a</sup>) Rendas accumuladas totaes, pela influencia dos cursos e campos de experiencia.

Um estudo summario de tal emprestimo, com o auxilio das curvas desenhadas, mostra que do 6.<sup>o</sup> anno em diante (curva da renda total), a renda directa e indirecta, proveniente dos cursos profissionaes assim dotados e campos de experiencia diversos, será sufficiente para pagar juros e amortisação do emprestimo e que, do 9.<sup>o</sup> anno em diante, as quotas de juros e amortisação estarão completamente cobertas, (curva das taxas accumuladas), isto, o governo já estará nesta epoca completamente pago dos juros e amortisação que adiantou, sendo a renda do nono anno em diante sufficiente para juros e amortisação do 1.<sup>o</sup> emprestimo e de outro de mais 50.000 contos, que sendo applicado ao mesmo fim, permittirá augmentar consideravelmente o auxilio aos cursos exis-



tentes, o numero de estabelecimentos agricolas e industriaes e, portanto, a renda do Estado. Por sua vez, os novos cursos contribuirão para o augmento da renda e amortisação do capital, e assim por deante.

Estes calculos dão ideia precisa do assumpto e tornam patente o magnifico emprego do capital do Estado, mas, não dão sinão uma pallida ideia da realidade, ficando provado, porem, com a maior evidencia, que a influencia dos cursos profissionaes sobre o augmento da producção, e portanto, da renda do Estado, é infallivel.

O valor absoluto pode variar, mas não pode haver duvidas sobre a sua efficacia.

Por outro lado o emprestimo considerado ficando extincto no fim de 24 annos, as instituições continuarão a existir prestando serviços ao Estado, sendo com mesmo patrimonio organisadas, pelos estabelecimentos considerados, outras Escolas e fazendas de criação, campos praticos etc., sem augmento de despeza para o Estado, pois as officinas, fazendas e campos praticos, produzirão e esta producção permittirá alargar as instituições.

O Estado por sua vez poderá contrair novo emprestimo, como já mostramos, creando novos estabelecimentos de ensino pelo mesmo systema, melhorando assim, sabia, continua e efficaçmente a producção e, por conseguinte, as suas rendas.

O mesmo systema pode ser empregado para desenvolver o ensino primario no Paiz. Se calcularmos em



6 contos annuaes, a despeza de custeio de uma classe de 40 alumnos, a dotação de 100 contos, em apolices de 60,0/0 ao anno, será sufficiente para a sua manutenção e, se for augmentado o numero de escolas de 100 annualmente, a despeza de juros e amortisação do emprestimo de 10000 para mantel-as será de 8000 contos annuaes approximadamente.

Se em vez de 100 classes, forem criadas 200, o emprestimo será de 20000 contos e a quota annual de juros e amortisação será de 1600 contos. Para a população actual da Bahia o accrescimo de escolas deve ser de 200. Se além disto, para auxiliar esta organização, for lançado um imposto que, agindo como o da Lei Licinio, amplie o patrimonio das instituições existentes, o systema acompanhará a evolução, tornando-se um elemento primordial de progresso.

Porque contrahir emprestimo quando o Estado poderia dar annualmente uma subvenção conveniente?

Por varias razões:

1ª) Se não fôr conservada a subvenção, a instituição desaparece ou vejeta a mingua de recursos;

2ª) Organizado o patrimonio em titulos, a vida da Instituição fica garantida e o Estado só contribue durante um periodo fixo, 24 annos, como vimos, ao passo que pelo methodo da subvenção estas pezarão sempre sobre os orçamentos.

3ª) Pelo systema indicado, o Estado poderá no fim de 9 annos e sem augmento de despeza, instituir novos estabelecimentos profissionaes, e dotando-os convenientemente, contrahir novos emprestimos que



serão pagos pelo augmento das rendas provenientes do augmento da producção e consumo.

E' pois pela dotação, em apolices, ás escolas profissionaes criadas, como acabamos de mostrar, que será resolvido mais rapidamente o grande problema do desenvolvimento do ensino profissionnal entre nós, dando-se com a emissão das apolices, para tal fim, um phenomeno notavel: o de não contribuirem para a depreciação dos titulos, por não entrarem em circulação sinão apparentemente, pois os estabelecimentos beneficiados não poderão vendel-as, substituindo-as por outras, quando sorteadas, contribuindo pois para a procura do titulo e, portanto, para a sua valorisação.

Sendo pois um emprestimo, que valorisa o titulo emittido, o seu quantum só dependerá do numero de instituições julgadas indispensaveis para inicio do systema, pois 6 annos depois poderá ser augmentada a importancia do emprestimo sem que produza de-sequilibrio no orçamento, permittindo o augmento das rendas a fundação de novas escolas.

Posso felizmente annunciar que é pensamento do bem orientado governo do Exmo. Snr. Dr. Vital Soares iniciar tal systema com a fundação, na Capital, de uma escola profissionnal elementar masculina dirigida pelo Instituto Polytechnico da Bahia.

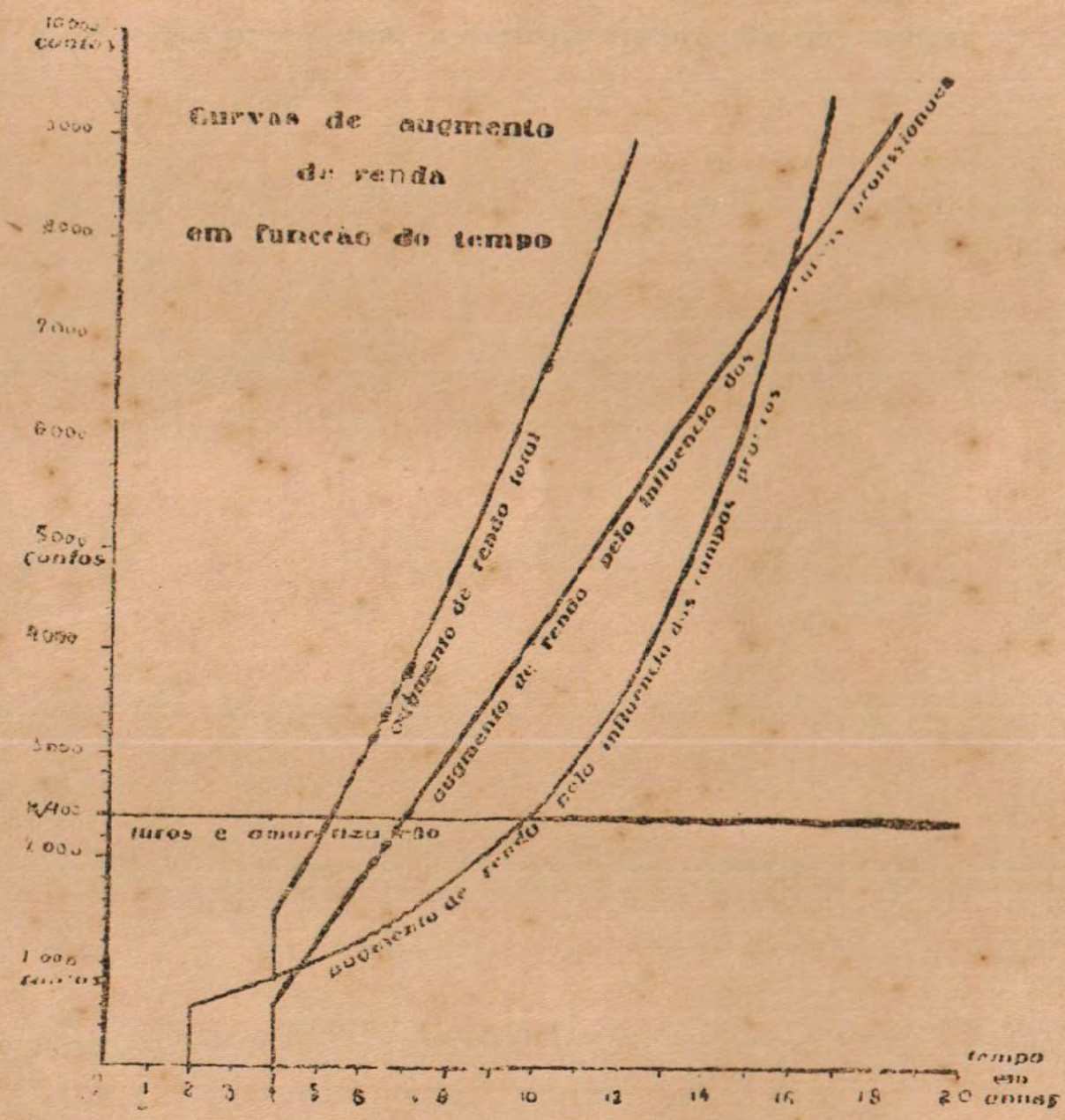
Tenho a firme convicção de que tal systema, auxiliado pela Lei Licinio, poderá resolver de modo efficaz o problema do ensino profissionnal entre nós.



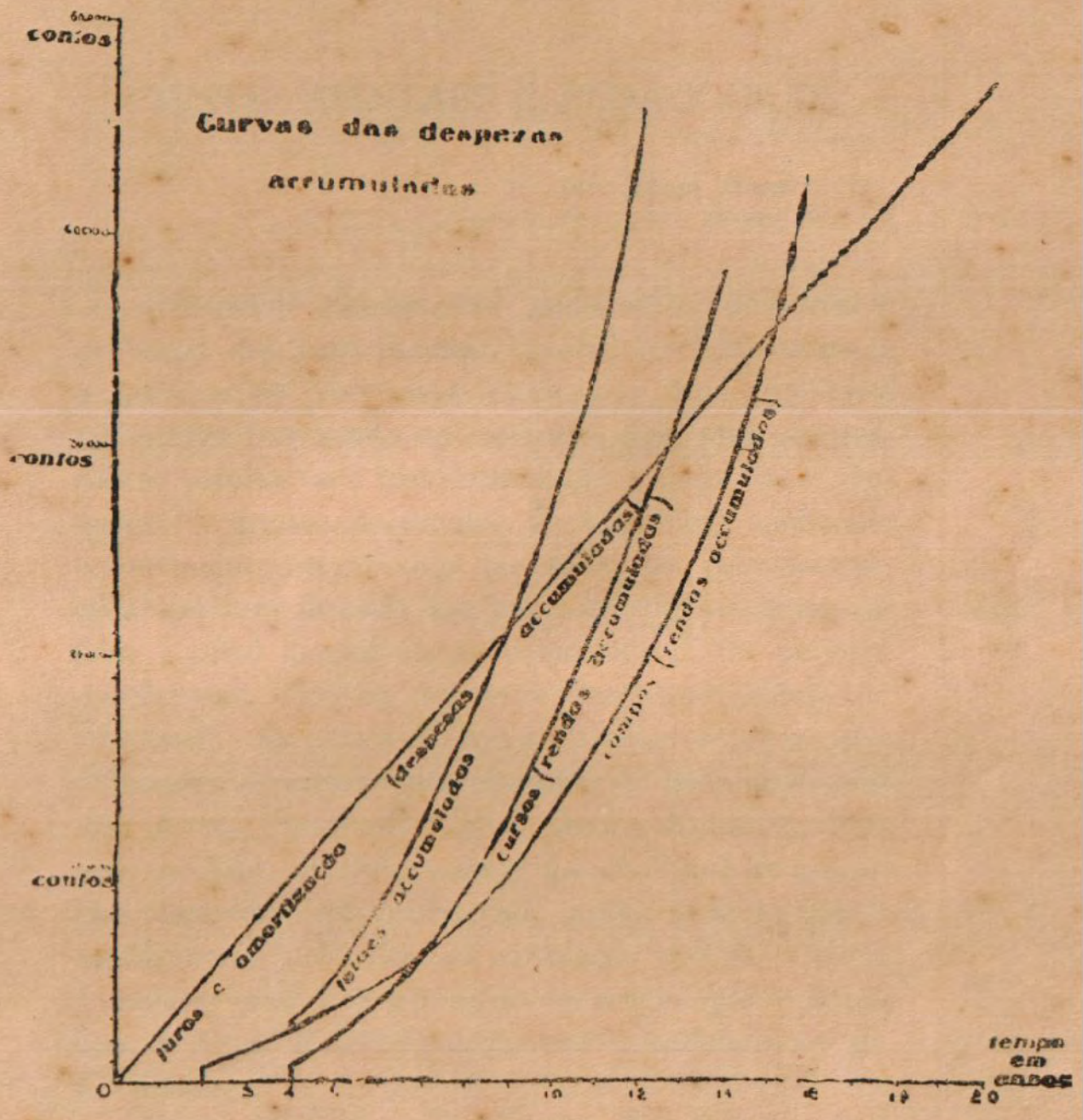
Resta-me unicamente agradecer aos presentes a honra do comparecimento, pedindo desculpas pelo fastidioso da exposição, o que não é extranhavel nos que apresentam a verdade desprovida de atavios.

---











## “TESTS” MENTAES E PEDAGOGICOS

*Dr. Isaias Alves*

Director do Gymnasio Ypiranga, da Bahia.

Domina o pensamento pedagogico da epoca o problema dos tests mentaes e escolares, com os quaes a America do Norte tem organizado uma immensa bibliotheca, enchendo as revistas dos mais interessantes resultados e transformando os methodos e processos de graduacao escolar. Já é demais conhecido o movimento estonteante das multiplas estandarizações que tem firmado nas bases estatisticas mais solidas o nivel mental do povo americano. Os maiores psychologos do paiz se entregaram ao myster da verificacao da escola de Binet, auxiliados pelos mais efficientes elementos dos governos e das Universidades. Assim, Goddard, Taylor, Moore, Kuhlman, Terman e Childs fizeram vastos trabalhos que se tornaram elementos de verificacao mutua e ainda mais confirmaram, pela elevada correlacao que os calculos demonstravam, a seguranca da escola que o sabio francês Alfred Binet organizou com a collaboracao de H. Simon.

Desde 1912 que o movimento dos tests mentaes interessou profundamente os psychologos americanos.



Seus effeitos foram sobretudo a transformação da escola, que se divide em graus escolares baseados na idade mental, tornando muito mais homogêneo o material de trabalho de cada professor, o que lhe facilita o êxito, ao mesmo tempo que poupa ao menino todos os constrangimentos que traz a vida em comum de pessoas de intelligência muito desigual. Em breve estudarei, em trabalho sob o prelo, os multiplos aspectos da influencia do test mental, mas agora na angustia do espaço e de tempo, bastaria lembrar que o valor dos tests mentaes transpõe os humbraes das escolas e tende a formar-se o elemento de organização politica da grande Republica. Realmente o professor Munro da Universidade de Harvard propõe que o direito de voto seja limitado no paiz, como já o é em Nova York, aos cidadãos que tenham a idade mental minima de 10 annos. Ora, sabemos que a idade mental de 10 annos corresponde no adulto ao quociente intellectual de 62 e que o quociente medio do povo adulto americano é calculado em 81. Dahi advem que os tests da intelligência serão um elemento de equilibrio no systema do suffragio universal, de tão perigosos effeitos quando ficar entregue á multidão inconsciente. E' o que se observa já no Estado de Nova York, onde, em 1928, os tests eliminaram 8.347 candidatos a eleitor, sendo incluídos nas listas eleitoraes 66.461.

Ora, se vemos que os tests estão influindo na solução do problema do suffragio eleitoral, não há mais mister justifica-lo no de organização escolar.



Effectivamente aqui já podemos apresentar resultados, que se tornarão cada dia mais significativos. No exame de cerca de 3.000 meninos, usamos, em quatro annos de trabalho, o test individual de Binet e o colectivo de Ballard. Como sabemos, os resultados iniciais não podem ser definitivos, porque elles apenas fornecem os elementos para se organizar a escola, que corresponderá ás nossas condições mentaes, sob a influencia do ambiente cultural. Isto quer dizer que o trabalho preparatorio de seis ou mais annos virá trazer aos futuros mestres um elemento seguro de melhor conhecer os seus alumnos. Não significa porém que os resultados obtidos sejam inuteis porque as differenças a encontrar serão em porcentagem bastante limitada.

Estão realizando actualmente no paiz o trabalho de estandarização do test Binet-Simon varios estudiosos. Uns seguem a formula primitiva francesa, como Lourenço Filho, outros a revisão Terman, como C. A. Baker e Ulysses Pernambucano. Preferimos tomar por base a revisão londrina de Gril Burt, por ser a ultima realizada, pois terminou em 1922, levando em conta o psychologo inglês todas as observações colhida nas revisões dos quatro estandarizadores. Sõncs traz vantagens. Como sabemos, o problema dos tests não foge ás exigencias technicas da sciencia. Ora, se varios psychologos trabalham na investigação de um mesmo assumpto, os seus resultados serão contraprova reciproca, muito mais importante ainda quando vemos que os trabalhos se vão realizando em quatro regiões do paiz.



Merece portanto o problema o maior carinho dos que tomaram sobre os hombros tão pesado encargo e não se diga que o trabalho é extremamente demorado. Para ser digna de confiança a estandarização não poderá demorar menos de seis annos e ella será a base de todo movimento que se tenha de realizar com os tests.

De facto, a estandarização da formulas de Binet é imprescindivel, porque sobre ella teremos de basear todos os *tests collectivos* a criar, os quaes só poderão inspirar confiança se apresentarem correlação positiva com o *individual*.

Como sabemos, os tests collectivos são conjuntos de cem, cento e cincoenta, duzentos e duzentos e cincoenta questões que os examinadores devem responder em um espaço de tempo que vai de quarenta minutos a tres horas seguidas, conforme se applicam a meninos, ou a adultos candidatos ao curso universitario.

Poderemos forma-los com linguagem verbal ou com figuras, sendo estes ultimos applicados ao exame dos analphabetos. Estamos tambem trabalhando com o testcollectivo de Ballard que adaptamos, devendo em breve iniciar a estandarização de outros tests collectivos. A differença mais radical entre os individuaes e os collectivos é que estes podem examinar 50 ou mais em uma hora, quando neste tempo só se examinará um menino pelo individual de Binet. Compreende-se a vantagem do test colectivo que em curto espaço pode dar o nivel mental approximado



de milhares de pessoas. Há porém um aspecto a observar: o que o colectivo ganha em rapidez perde em confiança. Por isso é que após um test colectivo devemos sempre examinar pelo test de Binet o alumno que obtêve quociente intellectual muito baixo ou muito alto, afim de verificar se aquelle foi prejudicado por condições nervosas, ou se este por qualquer modo havia já conhecido as questões a que teve de responder. Estamos vendo por aqui que os tests collectivos e os individuaes são dispositivos psicologicos que se completam na grande obra de classificação dos alumnos e da graduação dos estudos.

Agora surge o momento de attender a uma objecção mais de uma vez apresentada. Distinctos professores têm declarado que julgam pouco adaptavel ao nosso meio o test de Binet e que seria mais razoavel formar tests nossos, como é justo que sejamos capazes de organizar.

Primeiramente, um test é sempre muito difficil de conceber-se e não podemos dizer de antemão que seja proprio ou inapplicavel. Os resultados estatisticos nô-lo esclarecerão. Em segundo logar precisamos possuir uma base de comparação dos resultados e esta é incontestavelmente a escala Binet, hoje estandarizada em todos os grandes paizes, tomando forma em todas as linguas e apresentando sempre elevada correlação, como se pôde ver dos dados abaixo:

Entre a formula francesa de Binet e a inglesa Burt, 0,942; entre a francesa e a allemã de Bonertag 0,924; entre a allemã e a inglesa 0,909; entre a fran-



cesa e a americana de Terman 0,914; entre a ingleza de Burt e a italiana de Saffiotti 0,925.

São correlações elevadissimas que demonstram o valor internacional do test de Binet. Agora restamos fazer a nossa estandardização e verificar a correlação entre ella e as anteriores. Isso é baseado em calculos trabalhosos e lentos, para cuja realização não podemos nem devemos poupar esforços.

Nesta orientação temos mantido o maior cuidado nos exames dos meninos, estando já recolhidos cerca de duas mil formulas, das quaes foram apuradas 1.450, produzindo um quociente intellectual medio de 86,9.

Com um desvio "standard" 17,5 e erro provavel de 1,1.

Mais baixos foram os resultados obtidos pelo test colectivo do Ballard com 1.469 alumnos, cujo quociente medio foi de 75,2, havendo um desvio de 16,8 e um erro provavel de 11,3. Vê-se que a media foi muito mais baixa em condições estatisticas quasi iguaes.

Compreende-se perfeitamente o facto. O test colectivo exige a capacidade de comprehensão da leitura em grau bastante importante e ainda se tem que fazer bastante no que tange á leitura silenciosa.

(Do CORREIO PAULISTANO).

---



## PARA O MELHOR AJUSTAMENTO DO ALUMNO A' SUA CLASSE

*João José do Nascimento Junqueira.*

Problema bem maior, por certo, que o de conservar o alumno na escola, é esse de obter o mais perfeito ajustamento do alumno á sua classe.

Das observações que fizemos no Gymnasio da Bahia, onde regemos, no anno findo, em uma secção do 2º anno, a cadeira de Historia Universal, e das colhidas em outras fontes, evidenciamos que, com a actual divisão, dos cursos em grãos, annos ou series escolares, esse ajustamento, realizado sem base scientifica, é puramente theorico...

Não possuem os alumnos de uma mesma classe igual nivel intellectual, nem preparo semelhante, pois que esta coisa decorre naturalmente daquell'outra...

E poderá ser efficiente, produzindo real aproveitamento, o ensino ministrado numa classe onde se encontram alumnos de intelligencia superior, media e retardataria?

Evidentemente que não.

E se vê, actualmente o professor—que nessa contingencia nos vimos,—obrigado a ensinar para os me-



dios, isto é para os de intelligência commum; o que naturalmente prejudica, e muito, os intellectualmente superiores e os retardados mentaes...

Tem o professor que recorrer ao velho axioma latino que nos affirma *estar a virtude no meio*—e esse ensino, assim ministrado,—a par de ser inattin-gível aos, e incompreendido, pelos retardados, é, ao mesmo passo, um freio, a tolher o desenvolvimento dos mentalmente superiores, cujos surtos intellectuaes ao envez de estimulados e sabiamente desenvolvidos se vêm, ao contrario, tolhidos, impedidos, retardados...

Que fazer então? se nos poderá dizer; que isso de apontar males é sedição e improducente... Essencial-se torna antes indicar a therapeutica que os cure radical e promptamente...

Pensamos, tambem, assim...

Tanto que, logo mais, apontaremos em as nossas conclusões os meios que a experiencia nos indica unicos capazes de remediar o mal, eliminando-o gradativamente.

Antes porém, as observações que nos conduziram á convicção que nos anima, respeito ao mal apontado e aos meios efficientes para a sua extirpação.

Assumindo a gerencia da cadeira de Historia Universal, numa das secções do 2º anno, tratamos procurar conhecer de logo o nivel mental dos nossos alumnos:

E chegamos ao seguinte resultado: (*Vide graphico nº 1*)

6,6 0/0 obtiveram nota 10,0, isto é responderam



a todos os quesitos apresentados; 10 % obtiveram notas entre 9,0 e 9,9, isto é responderam 90 a 99 dos quesitos dados; 16,7 % obtiveram notas entre 8,0 e 8,9, isto é responderam 80 a 89 dos quesitos dados; 4,67% obtiveram notas entre 6,0 e 3,0, isto é responderam 60 a 70 dos quesitos dados; 3,3 % obtiveram notas entre 4,0 e 5,0, isto é responderam 40 a 50 dos quesitos dados; 10 % obtiveram notas entre 3,0 e 4,0, isto é responderam 30 a 40 dos quesitos dados; 6,6 % obtiveram notas entre 0,5 a 2,0, isto é responderam 5 a 20 dos quesitos dados.

Do resultado acima exposto concluímos que poderíamos classificar os nossos alumnos em quatro grupos distintos:

O 1.º—de 16,6 % do total da classe—intelligencia superior; o 2.º—de 63,4 % do total da classe—intelligencia media; a 3.º—de 13,3 % do total da classe intelligencia sub-media; o 4.º—de 6,6 % do total da classe—intelligencia retardada.

Fizemos a divisão; seleccionáramos. Mas... o que nos adiantava, infelizmente isso, si dentro da exiguidade do horario, e a vista da enorme extensão do programma regimental, o ensino teria fatalmente de ser *unico*, de ser o mesmo, ministrado em conjuncto a todos os alumnos da nossa classe?

Não desanimamos, porem. Si não podiamos no momento corrigir a falha, nutriamos então, como agora, a esperança de que as nossas observações pudessem fructificar em medidas capazes de remediar o mal.



E continuamos as nossas experiencias:

Ao fim de um bimestre de ensino ensaiamos um *test* de aproveitamento, adaptando um modelo da "Columbia University."

E concluímos: (*Vide graphico n. 2*).

13,3 % dos alumnos responderam entre 90 e 100 % dos quesitos dados; 20 % dos alumnos responderam entre 70 e 85 % dos quesitos dados; 43,3 % dos alumnos responderam entre 50 e 60 % dos quesitos dados; 23,1 % dos alumnos responderam entre 20 e 40 % dos quesitos dados.

Ao finalizar o anno lectivo, e apóz, mais tres provas intermediarias, obtivemos, numa ultima experiencia o seguinte resultado: (*Vide graphico n. 3*)

16,6 % dos alumnos responderam a 90 e 100 % dos quesitos dados; 56,6 % dos alumnos responderam a 60 e 85 % dos quesitos dados; 19,9 % dos alumnos responderam a 40 e 60 % dos quesitos dados; 6,6 % dos alumnos responderam a 20 e 40 % dos quesitos dados.

Do *graphico n. 4* que illustra o presente se pode ainda evidenciar a marcha ascendente da media de cultura da secção, apurada nesses *tests* collectivos de aproveitamento, elevada de 49 % de respostas certas na 1.<sup>a</sup> prova a 74 % na 5.<sup>a</sup> e ultima experiencia.

Imagine-se agora o resultado que se obteria se fossem as classes ou secções, intellectual e culturalmente uniformes...

Do *graphico n. 5* resalta, á evidencia, o progresso ou retrogradamento intellectual e cultural de



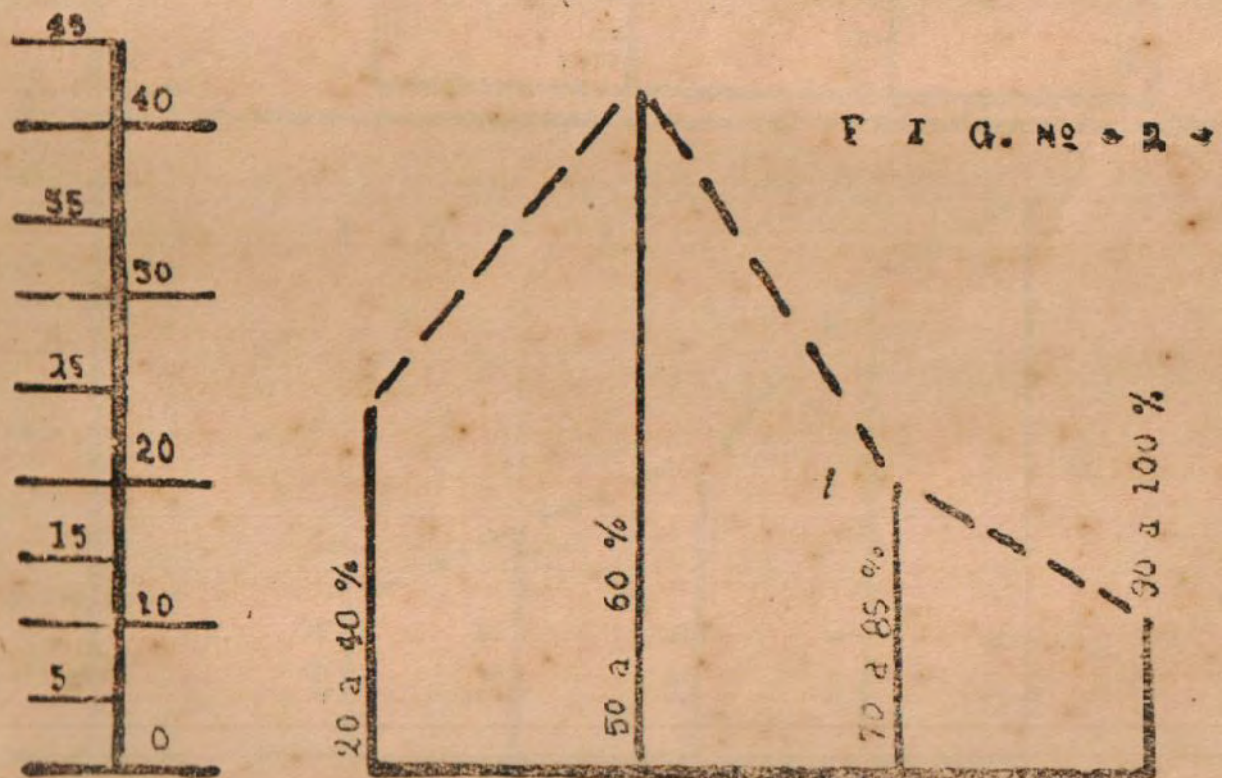
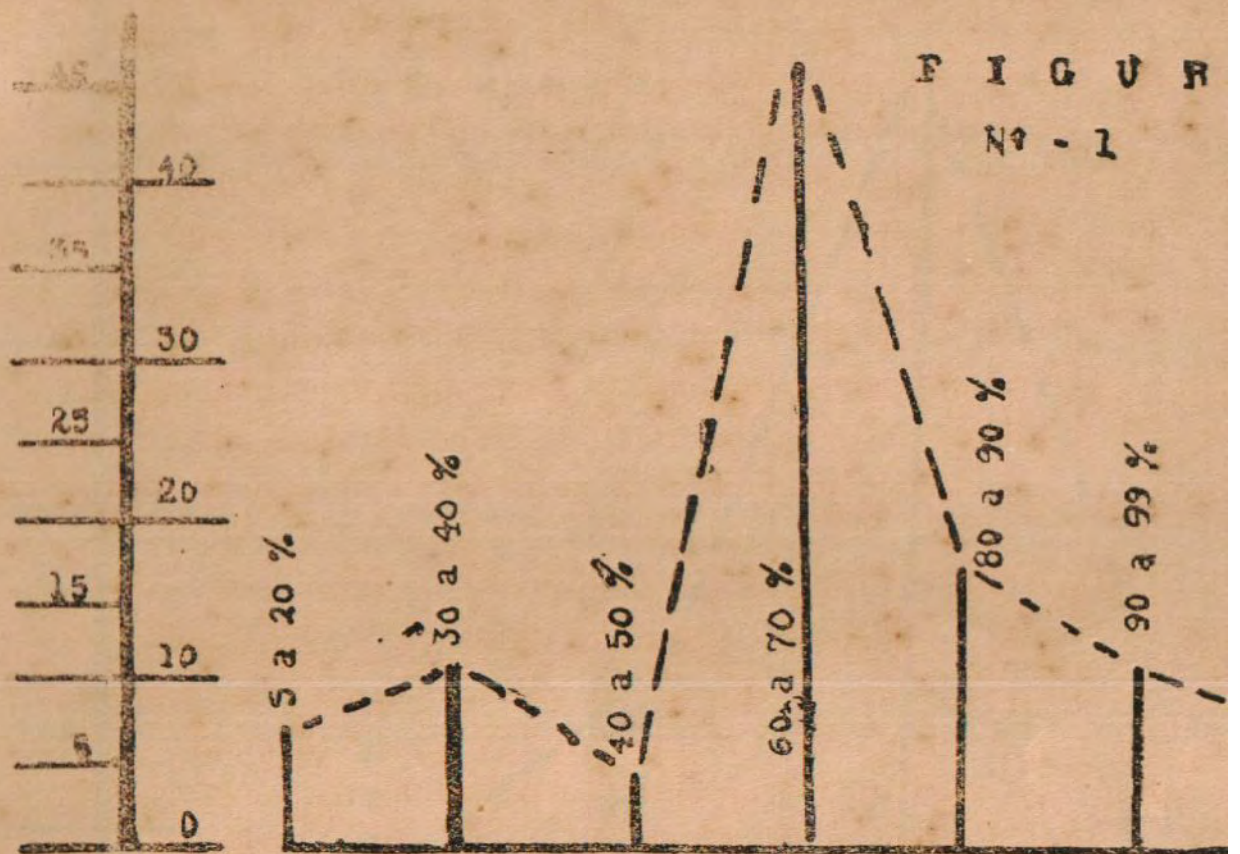






FIG. No - 3 -

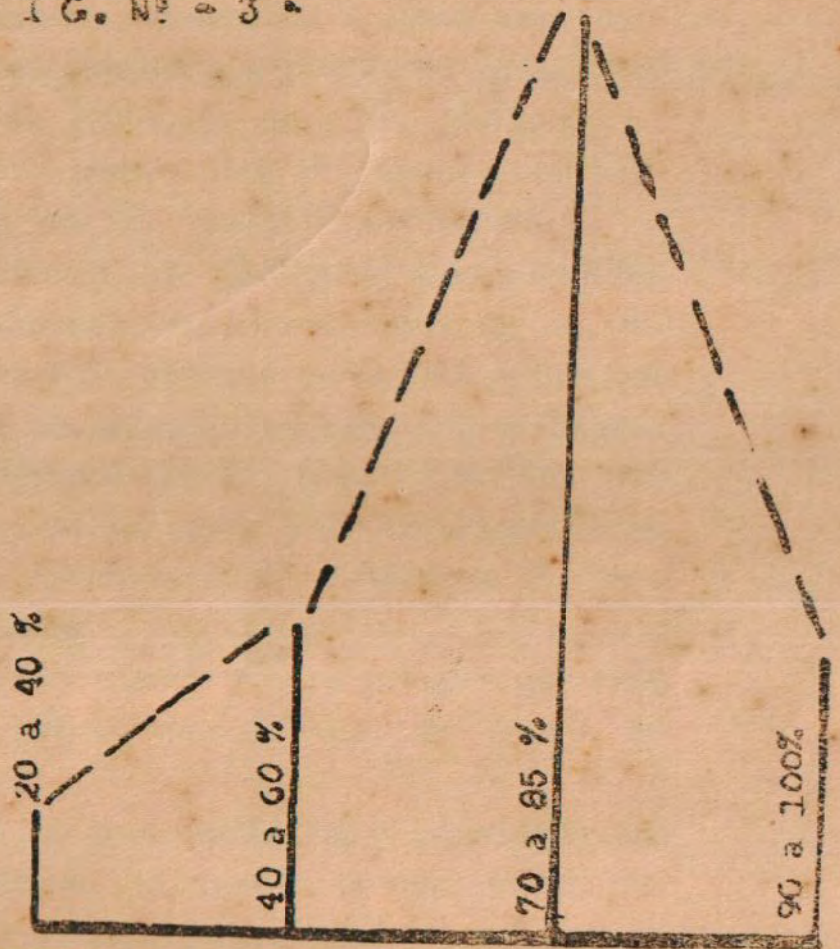
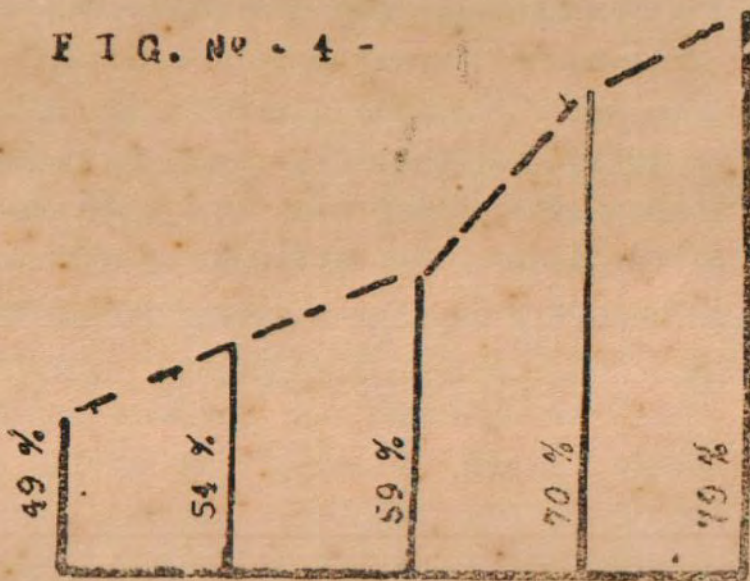


FIG. No - 4 -





cada um dos alumnos submettidos a estas experiencias; pois que elle representa a porcentagem de perguntas respondidas por cada um dos alumnos na 1.<sup>a</sup> e na 5.<sup>a</sup> e ultima prova (*test* de aproveitamento) por nós realizada no decurso do anno lectivo.

Delle se evidencia que 60 % dos alumnos, tidos como intellectualmente superiores, tiveram um retrogradamento sensivel, obtendo na ultima prova um resultado inferior ao attingido na primeira realizada. E essa queda, digamos assim, não se revelou *ex-abrupto* na ultima prova; antes pelo contrario foi se accentuando gradativamente em cada uma das tres provas intermediarias.

Donde concluimos com justeza e logica que esse retrogradamento não é mais do que um fructo do proprio ensino...

Sim, porque lições dosadas para individuos de mediana intelligencia, só podem actuar como um compressor, como um atrophiador mental em intelligencias reconhecidamente superiores.

Desse graphico evidenciamos outrosim que 60 % dos 63,4 % de alumnos que se haviam revelado de commun intelligencia, obtiveram sensiveis progressos, o que, sem falsa modestia, proclamamos, prova o acerto das nossas lições e do nosso methodo de ensino, orientado no sentido de satisfazer os alumnos de intelligencia mediana ou commun, que eram a maioria da classe.

Evidenciamos tambem, que, enquanto os 13,3 % de alumnos de intelligencia sub-media fizeram algum



40—sub-médios.

40—retardados.

Teríamos assim 1 secção de superiores; 3 secções de communs ou médios; 1 secção de sub-médios e 1 de retardados.

Nessas secções, todas de um mesmo gráo ou serie de um curso qualquer, seria explicado *o mesmo programma*, variando unicamente *o methodo do ensino*, o *meio* de fazer apprehendida a materia, e com uma grande facilidade para o professor, que não teria de lutar contra a desproporção, a disparidade enorme de capacidades de apprehensão nos seus alumnos, dada a uniformidade mental da classe.

E nesses seria, com o nivelamento intellectual, despertado o interesse, uma vez desaparecida a humilhação que decorre de uma inferioridade intellectual manifesta, em confronto com uma intelligencia brilhante.

2<sup>o</sup>)—que nas escolas isoladas, cujo numero de professores fôr diminuto, seja cada um dos grãos dividido em dois grupos: superiores e médios; sub-médios e retardados; leccionando o professor cada turno, a um desses grupos.

Os resultados de logo se farão sentir, compensadores.

São esses os meios, que, no momento se nos afiguram unicos capazes de nos approximar do ajustamento absoluto do alumno á sua classe.

Outros existirão por certo; outros poderíamos nós indicar.





—  
—



Somos daquelles porem, que se não comprazem em apregoar o que *deveríamos* fazer, mas preferem, antes, apontar o que *podemos realmente effectuar*...

São exequiveis as nossas sugestões... Não trarão dispendio financeiro, nem demandam condições especiaes para serem realizadas...

A divisão das series ou grãos em secções e classes, de ha muito que existe: mister se torna, unicamente, conseguir que essa divisão, ao envez de ser feita por sexos, pelo azar da matricula, se realize sob a forma scientifica que apontamos em nossa conclusão.

E por satisfeitos nos daremos si essas nossas observações contribuirem para o perfeito ajustamento do alumno bahiano á sua classe...

Realizado isso, teremos, pelo despertar do interesse e do estimulo no escolar, dado um grande passo para a solução desse outro problema momentoso que é a retenção do alumno na escola.

(Janeiro de 1929)

---



Associação Bahiana  
DE  
Educação



## SEMANA DE EDUCAÇÃO

O dr. Edgar Ribeiro Sanches, que no dia da Educação Intellectual da Semana de Educação pronunciou uma aplaudida conferencia sobre a significação do dia, no salão nobre do Club Commercial, leu ao terminar o seguinte decalogo do dr. Austin Fox Riggs:

1.º—Não fujas das emoções, nem as combatas: deixa-as actuar, dominando-as.

2.º—Sê efficiente em tudo que fizeres. Faze as coisas bem, pela maneira *mais simples*.

3.º—Faze cada coisa a seu tempo.

4.º—Toma decisões definidas e [praticas. Modifica-as de accordo com os novos factos.

5.º—Evita a pressa, planejando bem e não pretendendo o impossivel.

6.º—Evita atormentar-te. Decide si a questão é contigo e si é contigo *agora*: nesse caso, decide o que fazer e faze-o *imediatamente*.

7.º—Mantem o trabalho, o divertimento, o descanso e o exercicio em justas proporções relativas, em cada dia. Mantem todos separados.

8.º—Evita o estado de superconsciencia.



9.º—Depois\* de tomares uma decisão, não gastes energia em “preparar a acção.” Faze a acção.

10.º—Reconhece o teu problema como o problema universal: manter claro os ideaes, fazel-os viver em acção pratica e diaria, vivendo a vida.



## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

Sob a egide tutelar de nomes insignes da nossa aristocracia intellectual, fundou-se—cinco annos passados—a Associação Brasileira de Educação, cujo programma—sob todos os pontos de vista admiravel—vem sendo, a maneira de apostolado civico, executado, com a maior das sinceridades, pelas directorias, que se tem succedido, no breve cyclo da sua existencia, fecunda em iniciativas beneficas.

E' digna, particularmente, de destaque, a actuação social do seu departamento de ensino technico e superior—fundado um anno mais tarde—pelos esforços conjugados de alguns espiritos, dotados de mais exacta visão dos processos de technica educacional moderna e cuja applicação tem produzido em paizes germanicos e latinos do velho Continente resultados apreciaveis, sob numerosos aspectos.

O lutuoso sinistro de 3 de Dezembro de 1923 privou a A. B. E. de cinco membros dos mais prestantes e, sem favor algum, dos mais illustres—Tobias Moscoso, Amaury de Medeiros, Paulo Castro Maia, Amorooso Costa e Fernando Labouriau—que nas diversas secções dos 25 differentes departamentos, de que se compõe essa complexa organização, exerciam, com a



efficiente projecção das suas personalidades, funções apostolares de orientação, e funções apostolares de realização do programma, altamente patriótico, da Associação Brasileira de Educação.

Ao departamento de ensino tecnico e superior da A. B. E. privou o sinistro o concurso generoso de Amoroso Costa, de Fernando Labouriau, combatentes tão esforçados quão sinceros pela victoria das ideas que orientavam o seu nobre esforço educacional; a actual directoria desse importante departamento vem mantendo, na mais rigorosa integridade os delineamentos da orientação traçada pelos dois mallogrados professores.

D. Branca Osorio de Almeida Fialho, cujo nome — tradição gloriosa da sciencia nacional — vem ligado a grandes e numerosas iniciativas de que decorrem o nosso progresso, em varios dos seus aspectos, occupa com serenidade, como com autoridade — que lhe grangeiam nos meios intellectuaes os estudos scientificos a que se vem applicando com particular carinho — a cadeira da presidencia desse departamento, cuja acção é opportuno ser recordada, nas vespersas do encerramento dos trabalhos annuaes, desse departamento da alludida organização.

E, nessa ordem de idéas, vem a pello o elogio da acção, que vae desenvolvendo esse departamento a seu cargo, no sentido de diffusão do ensino tecnico ou especializado em todos as categorias do pensamento e da applicação — de que a brilhante serie de conferencias, desse anno, é, sem duvida, inso-



phismavel attestado, se os esforços desse departamento no sentido do exame da posição social e technica de varios problemas do ensino universitario—precedido com tanto vigor quanto bôa vontade por um grupo de grandes nomes das nossas congregações scientificas—não testemunhassem, dos objectivos da alludida organização, os grandes e patrioticos intuitos.

A elaboração de um programma nacional de diffusão de ensino, geral ou especializado, é sem duvida, uma das preocupações mais interessantss desse departamento da A. B. E. e á clarividencia dos membros da sua directoria não poderia escapar a influencia, que, como elemento educador, exercem as syntheses—especializadas em toda a ordem de idéas—que as conferencias, por ella promovidas, buscam realizar, como funcção do seu programma.

E' de ser recordado a proposito da orientação que vae ella seguindo, a historica polemica sobre a organização das escolas de guerra da Allemanha, nas quaes o ensino tendendo para a especialização—officializada, as conferencias—syntheses substituiram, na derradeira reorganização, os antigos cursos regulares, com frequencia de character obrigatorio—isso sem prejuizo algum para o ensino, demonstrado em ultima analyse, pela progressão, em augmento, da frequencia dessas conferencias, nas quaes a voluntariedade da frequencia, por longa serie de elementos psicologicos, substituiu, com vantagem, os inconvenientes das antigas organizações.



Effectivamente a A. B. E. tem encontrado, na realização do seu programma o que se propoz exercitar, o melhor incentivo aos seus esforços de parte do proprio publico, que acorre ao seu convite, numeroso, interessado, sympathico, attento; suas conferencias—scientificas, artisticas e literarias—são excepcionalmente bem frequentadas, já, como qualidade, já, como elemento quantitativo, o que demonstra sympathica reacção aos esforços da directoria dessa benemerita organização, que, de resto, não regatea esforço, para manter, no nivel alto do seu programma educacional, essas conferencias.

A A. B. E., na ampliação incessante dos temas dessas conferencias como na renovação progressiva das theses propostas como objectivo das mesmas—tem demonstrado o seu zelo pelas cousas que dizem directamente respeito com um dos mais ingentes problemas nacionaes, qual o da divulgação do ensino superior e os poderes publicos fariam obra de benemerencia, amparando as suas iniciativas dignas muitas della da sua particular attenção.

E' merecedora de relevo a circumstancia que não escapa, a primeira vista, quem examina a lista das conferencias promovidas por ella, este anno — que a redução, intencional, do seu numero contribuiu efficazmente — pela ampliação dos objectivos das series de problemas tratadas nos seus cursos, lições e conferencias — para o desenvolvimento da synthese educativa, a que se subordina o programma, que vaé executando; o equilibrio do numero de conferencias



de suas series artisticas e litterarias, com as de caracter meramente scientifico ou technico correspondeu ás necessidades do meio e do momento, como o aproveitamento dos seus proprios elementos e a escolha de extranhos á sociedade para collaborarem, indistinctamente, na realização do seu programma, attesta o caracter de cosmopolitismo, indispensavel ás organizações dessa natureza.

De resto, a directoria desse departamento da A. B. E. composta de individualidades perfeitamente identificadas com os altos intentos da organização, a que servem com tanto devotamento, é penhor do bom exito das nobres iniciativas dessa associação, que, no breve cyclo de sua existencia, conta tão grande numero de fecundas empresas.

E' de se recordar, a titulo de illustração que dessa directoria fazem parte, tambem, os preclaros Professores Alvaro Osorio de Almeida, Arthur Moses, Gustavo Lessa, O. B. Couto Silva, com a gentil effi-ciencia e sympathica collaboração da distincta e elegante senhora Sarita R. L. de Souza Gomes, filha do Professor Rodrigues Lima, e da festejada escriptora, senhorinha Lucia Pereira, filha do Professor Miguel Pereira—ambos de saudosa memoria.

(Transcripto do JORNAL DO COMMERCIO).



### III CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

#### Conclusões das Comissões Reunidas do Ensino Secundario

I—A organização do ensino secundario deve responder á dupla exigencia de assegurar um nivel elevado da cultura geral nos que não se destinam a estudos superiores e de preparar para as especializações das carreiras universitarias os que puderem dar á sua formação intellectual mais prolongado desenvolvimento.

II—No Gymnasio, no curso unico de seis annos, sem bifurcação alguma e sem materias facultativas, se procura obter a cultura geral da personalidade por uma combinação harmonica dos estudos classicos (latim e grego), das sciencias fundamentaes e dos estudos modernos, reduzidas as disciplinas ao numero necessario e organizados os programmas de modo que se perca em extensão e se ganhe em profundidade.

III—Pelo governo da União ou dos Estados serão criadas escolas do typo “Realschule”, com curso fundamental commum e ramos especializados.



IV—O Gymnasio conduzirá ás Universidades de qualquer typo, levando á Escola, typo ‘Realschule’, exclusivamente technica.

(a) *Mario P. de Souza Lima*—Presidente; *Antonio Piccarolo*—Relator; *C. A. Barbosa de Oliveira*; *Dr. Leonardo Van Ackre*; *D. Ludgero Jaspers*; *Americo de Moura*; *Eng. Prof. Dante Isoldi*; *Alexandre Correia*; *Sud Mennucci*.

\*  
\* \*

Sobre a nossa legislação, referente ao ensino secundario, a commissão encarregada de dar o parecer quanto ás theses apresentadas, concluiu as suas razões do seguinte modo:

I—São formalmente condemnados os collegios equiparados municipaes.

II—As bancas examinadoras serão orzanizadas por disciplina, de accordo, nos outros pontos, com a conclusão IV da Commissão de Ensino Secundario da 2<sup>a</sup>. Conferencia.

III—Todos os exames serão prestados durante 30 dias uteis a contar de 16 de Novembro e evitar-se-á tanto quanto possivel a 2<sup>a</sup> epoca que a Conferencia desaconselha.

IV—Haverá uma banca para cada grupo de 600 inscrições, que funcionará successivamente nos varios collegios da região, sendo o presidente sempre um professor de instituto official secundario ou superior.



V—Existindo duas ou mais bancas da mesma cadeira em uma região, será nomeado um inspector especial, que zelará pela uniformidade de criterio no julgamento e na materia examinada.

VI—O ensino secundario nunca começa antes dos doze annos de idade.

VII—Sendo ainda uma questão incompletamente debatida o methodo de melhor aquilatar do conhecimento dos alumnos do curso secundario, bem como o character que deve ter o ensino de cada disciplina e a extensão dos respectivos programmas, ficarão incluídos esses themas para a IV Conferencia.

VIII—E' aconselhavel a divisão do anno lectivo em dois periodos, á semelhança da adoptada nos collegios da America do Norte.

(a) *Dr. Candido de Mello Leitão*—Relator.

---

REDACÇÃO FINAL DAS CONCLUSÕES DA 2ª  
COMMISSÃO ENCARREGADA DO ESTUDO  
DAS THESES REFERENTES AO ENSINO  
PRIMARIO, DA AUTORIA DE:

*Rubens Falcão—José de Mello; Balthazar Godoy  
Moreira; Alipio Franca; João Baptista Fonseca; D.  
Zaida Ferraz do Amaral; D. Maria José da Silva; D.  
Antonia Ribeiro de Castro Lopes.*

I—Faz-se mister a disseminação ampla, na medida das possibilidades economicas de cada Estado, de escolas na zona rural, com duração de dois annos,



no minimo, em pontos onde possa haver uma matricula até dez (10) alumnos, em idade escolar.

2—Propaganda intensa, constante, obstinada, da escola, feita sobretudo pelos inspectores do ensino, por todos os meios ao seu alcance.

3—Feitura de programmas e designação das ferias e horarios escolares, consoante as conveniencias e necessidades das differentes regiões.

4—Inspeccão constante, intelligente e rigorosa.

5—Amparo, assistencia moral e material ao professorado.

6—Aproveitamento do professorado leigo.

7—Appello a todas as Municipalidades, para intensificarem o ensino primario na zona rural.

8—Realizar a obrigatoriedade do ensino primario, subordinada a condições que, tanto quanto possivel, garantam a liberdade individual, devendo ser fixada a idade certa da matricula e o periodo minimo de permanencia obrigatoria da criança na escola.

Sala das Commissões da Terceira Conferencia Nacional de Educação, em São Paulo, 13 de Setembro de 1929.

(a) *Joaquim Moreira de Souza*, Pres. e Relat; *Hilario Freire*; *Octavio de Paula e Silva*; *Aggeo Pereira do Amaral*; *Sizenando da Rocha Leite*; *Lazaro Gonçalves Teixeira*; *Milton Tolosa*; *Oscar Augusto Guelli*; *João Teixeira de Lara*; *João Miguel Amaral*.



## ENSINO NORMAL

**Materia approvada**

Theses dos Drs. Antonio Augusto Machado e João B. Nascimento Junqueira e da Exma. Sra. D. Amphrisia Santiago, sobre "*Instituição das Escolas Normaes livres e o seu papel na formação do professorado brasileiro.*"

Parecer.

A Commissão, depois de largo debate acerca dos argumentos expellidos nas theses:

Considerando a elevada porcentagem de analphabetos que ha no paiz; a exiguidade de professores technicamente preparados para o magisterio; e mais que as condições economicas actuaes não permitem aos Estados installar escolas, em numero sufficiente para habilitação dos mestres de que necessitam, resolve propôr que:

A Conferencia aconselha a concessão, aos estabelecimentos de ensino normal que o requerem, do favor da equiparação ás Escolas Normaes Officiaes, uma vez que taes estabelecimentos se obriguem:

- 1.º — a manter um patrimonio fixado por lei;
- 2.º — a nomear brasileiros natos, ad referendum do poder publico, para reger as cadeiras de portuguez, theoria e pratica da educação, geographia e historia;
- 3.º — a observar os programmas adoptados nos institutos officiaes congêneres e a dar, pelo menos, o mesmo numero de aulas semanaes que estes dão;



4.º — a fazer que seus alumnos pratiquem, nos dois ultimos annos do curso, em escolas primarias officiaes;

5.º — a acceitar, acatar e custear um fiscal permanente, nomeado pelo Estado.

Sala das Sessões, 11 de Setembro de 1929.

*Ubaldo Ramalhele*, Presidente; *João Toledo*, Relator; *Freitas Valle*; *Virgilio de Carvalho Pinto*; *Djalma Forjaz*; *Americo de Moura*; *Domingos de Vilhena Moraes*; *José Ferraz de Campos*; *Reynaldo Kuntz Busch*; *Luiz Amaral Wagner*.

## EDUCAÇÃO SANITARIA

Materia approvada

### *Conclusões*

#### I

Apesar de haver multiplos esforços publicos e particulares empenhados na educação sanitaria, pode-se dizer que os grandes focos irradiadores desta, são: de um lado, as escolas; de outro os serviços de Saúde Publica. Ambas as forças devem agir em intima collaboração.

#### II

A Educação Sanitaria nas Escolas deve visar um triplice objectivo; a) criar habitos sadios nas crianças e na mocidade; b) ministrar conhecimentos



hygienicos, de maneira que sejam os mesmos desejados pelos alumnos, não impostos a estes; c) criar na infancia e na mocidade um ideal de saude. Essa educação sanitaria deverá ser extendida ao lar.

### III

Para que a educação sanitaria nas escolas primarias seja convenientemente ministrada, é indispensavel que, onde possivel, os professores de hygiene das Escolas Normaes só possam ser nomeados após terem frequentado cursos especializados dessa disciplina.

### IV

E' necessaria a criação de cadeiras de hygiene destacadas de outras disciplinas nas escolas de curso secundario e normal. Para a nomeação dos professores dessas cadeiras deverá ser preenchida a exigencia da conclusão anterior, a saber: frequencia em cursos especializados de hygiene.

### V

Torna-se necessaria a criação, nas Capitaes dos Estados, de cursos de aperfeiçoamento de Hygiene para os professores.

### VI

Para orientar a Educação Sanitaria do Paiz, é indispensavel que sejam criados institutos de Edu-



cação Physica, destinados ao preparo de instructores technicos.

## VII

E' de toda a conveniencia que os professores desses Institutos sejam previamente diplomados por Escolas de Educação physica de renome.

## VIII

Urge impulsionar nas grandes cidades do Paiz o movimento de criação de parques infantis, praças de cultura physica e estadios, sendo conveniente que os primeiros a serem installados, quando possivel, o sejam em zona central, afim de attrairem a attenção e servirem de exemplo.

## IX

O Serviço de Saude Publica deve considerar a educação sanitaria do povo como seu dever primordial. As medidas de coerção só devem ser applicadas em ultimo caso.

## X

E' conveniente que seja criada nos serviços de Saude Publica, uma secção especialmente destinada á educação sanitaria, á semelhança do que foi feito em São Paulo e em outros pontos do paiz.



## XI

Ante os ensinamentos definitivos da sciencia e attendendo á alta missão que a sociedade contemporanea dá á mulher—no lar, na escola, em todos os ramos da actividade humana—importa exaltar-lhe a personalidade e e assegurar-lhe forte formação psychica, pelo que os professores em todos os graus de ensino—rompendo erros do passado, ensinar-lhe-ão a verdade scientifica de que nenhum prejuizo biologico a infelicitá mentalmente, não sendo intellectualmente inferior ao homem, e perfeitamente capaz das operações mas altas do espirito.

*Dr. Waldomiro de Oliveira*—Presidente

*Dr. Gustavo Lessa*—Relator

---



## FEDERAÇÃO NACIONAL DAS SOCIEDADES DE EDUCAÇÃO

Fundou-se ha dias, no Rio de Janeiro, a Federação Nacional das Sociedades de Educação, cujas bases de organização são as seguintes:

“Art. I—Fica instituida nesta cidade a Federação Nacional das Sociedades de Educação, com o objectivo de coordenar os esforços de todas as sociedades federadas, em pról da educação nacional.

Art. II—Serão membros da Federação todas as Sociedades de Educação que a ella se incorporarem, de accôrdo com o estatuto da Federação.

Art. III—No dia onze de Agosto de 1929 reunir-se-á nesta cidade a assembléa dos representantes das Sociedades de Educação, afim de organizar definitivamente a Federação.”

A proposito desse movimento educacional fez o nosso illustrado collaborador, professor Vicente Licinio Cardoso as seguintes declarações a “O Estado de S. Paulo”:

Creio que o acto da fundação da “Federação Nacional das Sociedades de Educação” (F. N. S. E.) representa um momento devéras sério na evolução dos movimentos educacionaes do Brasil, tal a realidade com que



fica focalizada a possibilidade de uma agitação inédita de idealismo cívico estendida ao paiz inteiro. Nem foi por acaso que educadores eminentes reunidos a 29 p. p.—depois de trabalhos preparatorios especiaes resolveram escolher a data de 11 de Agosto, tão auspiciosamente respeitavel, para a assembléa de installação definitiva, á qual concorrerão numerosas sociedades estaduaes especialmente convidadas.

—Certo, não estarão ainda todos os Estados representados. Nem todos contam aliás sociedades educacionaes do typo desejado. Mas tudo indica que outros nucleos sejam em breve formados; ou, melhor, que outras sociedades em embrião sejam definitivamente organisadas como demonstrações categoricas da generalidade do movimento que deseja ser estendido á totalidade das unidades da Federação Brasileira.

O novo orgam reúne, congrega, synthetisa esforços de denodados batalhadores, pioneiros que até agora agiram—e muito, convém accrescentar, insuladamente desosmosiados—sem ambiente propicio que, por convergencia prestante de esforços, permittisse eclosão mais ampla de suas individualidades. Os presentes que assignaram a acta de fundação constituem uma garantia muito alta dessa obra, á qual haverão por certo de prestar collaboração todos quantos mantêm firmes as suas crenças nas possibilidades dos destinos reservados á nossa nacionalidade: senador José Augusto, ministro Renato Jardim, deputados João Simplicio, Fulvio Aducci, Clodomir Cardoso, Jayme



mortos fossem condignas: nesta capital ampliou de 500 o quadro de seus socios: nos Estados conseguiu ver criadas 9 associações educacionaes, além de outras—as de Pernambuco, Pará e possivelmente Amazonas e Piauíhy em vias de formação. Desse modo, além da Associação desta capital, fundada pelo idealismo sereno de Heitor Lyra da Silva em 1924, Associação que nascera, desde o inicio, para ser brasileira e portanto nacional, conforme estabelecem seus estatutos, existem hoje 12 associações estaduaes fundadas; as 7 antes mencionadas, presentes por seus organisadores que deliberaram fundar a Federação, a de Minas Geraes criada tambem em Janeiro, sob a tutela moral de F. Mendes Pimentel, reitor insigne da universidade de Bello Horizonte, e as associações do Paraná, Espirito Santo e Bahia, mais antigas, anteriores á catastrophe de 3 de Dezembro, e que se haviam organizado como departamentos estaduaes da A. B. E. embora autonomos como todos o são.

—Fóra do significado especial que tem a fundação da F. N. S. E., organ coordenando, activando e regulando todos os impulsos do idealismo educacional partido dos Estados e do Districto Federal, fóra desse significado auspicioso, cuja realidade flagrante será, como o disse, a constituição de ambiente propicio para a repercussão condigna dos actos e palavras de nossos maiores educadores e professores de energia, fóra disso, a realização dessa Federação vem no momento, desfazendo uma situação delicada, permitir a collaboração valiosissima dos educadores de S.



Paulo, elementos imprescindíveis na criação eficiente de uma Federação.

Refiro-me á Sociedade de Educação de S. Paulo, associação congregando os melhores elementos, dessa capital e que, por motivos muito justos, resolveu em Março ultimo desligar-se da "A. B. E." hibernando, originalmente, em silencio respeitavel, pela demissão em massa de 3 de seus presidentes (Renato Jardim, Sampaio Doria, Veiga Miranda,) seu secretario geral (Lourenço Filho) e de seus socios mais conspiciosos.

Foi de facto lamentavel a occorrença, criada pela Comissão (da A. B. E. do Rio) organizadora da 3.<sup>a</sup> Conferencia Nacional de Educação, comissão que não percebeu a situação nova (diversa da que existia em Minas e Paraná por occasião das respectivas 2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> Conferencias Nacionaes de Educação) de S. Paulo, onde havendo um organ estadual filiado á A. B. E., caber-lhe-ia, praticamente, a maior direcção na organização da referida Conferencia. Sentindo-se desautorada, a Sociedade de Educação de S. Paulo fez o que lhe cabia: silenciou dignamente, aguardando apenas oportunidade propicia para declarar-se viva de novo, reorganizada, mas desligada da A. B. E. do Rio, que não soubera comprehender--através dos informes de sua comissão organizadora da referida 3.<sup>a</sup> Conferencia Nacional de Educação--a delicadeza da situação criada, mas, muito especialmente, tudo quanto representára de devotamento e idealismo o movimento dos educadores paulistas, remodelando os estatutos de uma antiga Sociedade de Educação



(anterior em fundação á A. B. E. do Rio) para, sob o alto prestigio moral da cultura do prof. Renato Jardim, secundado por Veiga Miranda, Sampaio Doria, Lourenço Filho, Almeida Junior, Pacheco e Silva, M. Antonietta de Castro, Noemy Silveira, Irene Branco, etc., procurar filial-a á obra congenere dos educadores do Rio,

O resultado foi o que varias vezes, em artigos e entrevistas, tem sido commentado pela imprensa: o alheiamto lamentabilissimo, em relação á 3ª Conferencia Nacional de Educação a reunir-se em S. Paulo a 7 de Setembro, do numeroso grupo paulista que tão altamente representa parcella conspicua da cultura pedagogica brasileira.

Desse modo, a fundação actual da Federação tudo corrigirá, pois a Sociedade de Educação paulista, um dos membros-natos da Federação, poderá levar áquelle certamen nacional um organ de especial relevo, sem nenhum contacto de convite com a A. B. E. do Districto Federal.

—Todas as sociedades são autonomas. Tal o espirito unico que póde presidir a qualquer movimento federalizador de unidades quaesquer. Desse modo a F. N. S. E. terá vida, organização, responsabilidade, deveres bem diversos dos de cada uma das unidades federadas, quer nos Estados da União, quer no Districto Federal e territorio do Acre. A Federação tragará especialmente programmas de acção, coordenará movimentos, estimulará, acolhendo, divulgando, dynamizando, todas as iniciativas e actuações educaçionaes.



Orgam regulador e distribuidor de energias civicas e educacionaes, não lhe competirá nem funcções de fiscal, o que seria prova, de desrespeito ás **unidades** associadas, nem, tão pouco, a attitudo de direcção ou de commando, o que significaria não confiar na espontaneidade de idealismo das elites culturaes dos Estados congregados em torno de uma grande obra commum.

—Infelizmente não está collaborando nessa obra, nascida para alcançar a grandiosidade de realisações opulentissimas, a Associação Brasileira de Educação, muito embora a presidencia do prof. Mario Brito, reflectindo o verdadeiro idealismo de seu illustre fundador, Heitor Lyra da Silva, tivesse procurado, intelligente e nobremente, sem ser comprehendida, aquelle apoio de adhesão naturalmente esperado e desejado. Achou de facto preferivel o seu conselho director, perdendo tempo e oportunidade sobremodo agradavel, dever o assumpto ser digno de sua attenção posteriormente, por occasião da propria 3ª. Conferencia Nacional de Educação, depois de definitivamente constituída, consequentemente, a F. N. S. E.

—E' de notar que a Federação terá elementos especiaes de exito, tirando partido robusto dos recursos novos de transmissão e vehiculação da palavra oral ou escripta, (radio, avião) além do amparo que de inicio lhe empresta um grande orgam apparecido no proprio dia de sua fundação: "Educação Brasileira", nova revista dirigida por José Augusto, pioneiro eminente entre os mais devotados educadores



que o Brasil tem produzido e sob cuja direcção ficará também a propria Federação conforme escolha de seus organisadores.

(Transcripto d'“O ESTADO DE S. PAULO.”)



## SELLO EDUCACIONAL

**Federação Nacional das Sociedades de Educação**

Está sendo distribuído, largamente, em todo o território do Brasil, um artístico sello de emissão particular, mandado imprimir pela Federação Nacional das Sociedades de Educação, que será vendido pelo seu valor nominal de mil réis.

Triplo objectivo:

a)—Divulgar, por todo o paiz, o interesse pelos problemas da educação popular e os altos propositos da F. N. S. E. nesse sentido;

b)—Formar o patrimonio da federação e das sociedades federadas;

c)—Auxiliar as instituições educativas de qualquer natureza.

A primeira edição é de 500.000 sellos de mil réis.

Trinta por cento apenas do producto da venda destinam-se ao patrimonio da federação.

As sociedades federadas, as instituições de educação e de assistencia, as caixas escolares, os estabelecimentos de ensino e educação, emfim, todas as corporações que tomarem parte na venda, reservarão para o seu patrimonio setenta por cento do producto



e entregarão trinta por cento do producto á federação.

Os principaes objectivos da federação, em synthese, são os seguintes:

a) - Coordenar os esforços das sociedades federadas em prol da educação nacional, permutar com ellas sugestões e informes, auxiliaes, financeira e technicamente, na solução dos problemas regionaes de educação;

b)—Organizar uma bibliotheca pedagogica e de legislação nacional e estrangeira sobre o ensino;

c)—Ligar, entre si e com a federação, as sociedades federadas, promovendo excursões systematicas ás sedes, para entendimento sobre as questões de educação;

d)—Mandar ao estrangeiro missões para estudar organizações e processos de ensino;

e) Manter nesta cidade um centro de informações e organizar estatisticas referentes ás condições do ensino no paiz;

f)—Fundar, onde e quando convier, estabelecimentos de ensino primario, profissional, secundario e superior, de accordo com o *standard* adoptado pelos technicos designados pela federação.

E' para cumprir esse programma que a federação está procurando formar o seu patrimonio.

No Rio de Janeiro, a commissão central está constituida das seguintes pessoas: Snra. Teronyma Mesquita, deputado Fulvio Aducci e professores



Mario Britto, Celina Padilha, Alcides Bezerra, Armando de Campos e La-Fayette Côrtes.

Neste Estado a passagem do Sello Educacional foi confiada aos drs. Bernardino de Souza e Archimedes Pereira Guimarães, revertendo metade da quota que cabe á Bahia para o fundo destinado á construção do predio da Faculdade de Direito e a outra metade para Associação Bahiana de Educação.



## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

Programma da terceira semana de educação, a realizar-se de 12 a 18 de maio:

Dia 12, segunda-feira — *Dia do lar* — O lar; primeira escola; A família como organização básica, A perfeição do lar; Honrarás pai e mãe;

Dia 13, terça-feira — *Dia da fraternidade* — Os homens irmanados nas obrigações e nos direitos; A igualdade pela instrucção, dever estricto de todo cidadão;

Dia 14, quarta-feira — *Dia da escola* — A harmonia entre a casa e a escola; O culto ao mestre;

Dia 15, quinta feira -- *Dia da saude* — A saude como um bem; A educação physica, base da saude;

Dia 16 sexta-feira — *Dia do dever* — O trabalho dignificante; O ensino profissional; As obrigações de cada profissão; O escotismo, escola do dever;

Dia 17, sabbado — *Diada natureza* — Honra á natureza; Culto da arvore; Protecção ás aves; A arte como interpretação da natureza;

Dia 18, domingo — *Dia da boa vontade* — Relações entre as crianças de todo o mundo; A protecção á infancia.



## VI CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**Regimento interno — Themas — Inquerito sobre o ensino normal**

A proxima Conferencia Nacional de Educação, que sob os auspícios do governo de Pernambuco e da Associação Brasileira de Educação, se reunirá no proximo mez de Setembro na cidade de Recife, versará especialmente sobre questões de ensino normal.

O regimento aprovado pelo Governo de Pernambuco e pela Associação Brasileira de Educação, promotora da conferencia, é o seguinte:

Artigo I — As Conferencias Nacionaes de Educação, promovidas annualmente pela A. B. E. nas capitães dos Estados ou no Rio de Janeiro, têm por fim o estudo dos problemas relativos ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação nos seus multiplos aspectos e particularmente no que diz respeito ao Brasil, visando sempre a unidade nacional. O dia da installação da Conferencia será sempre que possivel, o de 7 de Setembro.

Artigo II — São membros da Conferencia todas as pessoas idoneas que se interessem pelo ensino e que tenham obtido a sua inscripção mediante pedido



escripto á comissão executiva antes da abertura da Conferencia.

Paragrapho unico — Fica a mesma commissão autorizada a exigir, quanto se tornar necessario, o pagamento de uma taxa, no acto da inscripção.

Artigo III— A Commissão Executiva encarregada da organização de cada conferencia será constituída de socios mantedores da A. B. E. eleitos pelo Conselho Director e de professores e autoridades indicadas pelo governo do Estado, quando este patrocinar a Conferencia.

Paragrapho 1º — Na falta de indicação por parte do governo estadual toda a Commissão executiva será eleita pelo Conselho Director.

Paragrapho 2º — Logo após a realização de uma Conferencia, deverá ser organizada a Commissão Executiva da seguinte.

DOS THEMAS E DAS THESES — Artigo IV — O Conselho Director, na sessão convocada para organizar a Conferencia, escolherá os themas que nesse deverão ser debatidos.

Paragrapho unico — Esses themas devem ser em pequeno numero afim de facilitar uma discussão aprofundada dos assumptos nelles contidos.

Artigo V—O Conselho Director designará logo tambem os relatores geraes, um para cada thema.

Paragrapho 1º—Esses relatores deverão logo tratar de promover junto aos melhores especialistas existentes no Brasil o preparo de theses sobre the-



mas, os quaes poderão ser encarados no todo ou em parte.

Paragrapho 2.º—As theses deverão ser enviadas aos respectivos relatores até 30 dias, improrogavelmente, antes do inicio da Conferencia.

Artigo VI—As theses terão tamanho maximo de 10 paginas, formato officio e deverão ser dactylographadas com entre-linha. A sua leitura durará no maximo 20 minutos.

Artigo VII—Todas as theses deverão finalizar por conclusões destacadas.

Artigo VIII—Nenhuma these será acceita que verse sobre thema differente dos escolhidos.

DAS SESSÕES—Artigo IX—A sessão preparatoria será dedicada á eleição do presidente e vice-presidente da Conferencia e reconhecimento dos poderes dos representantes officiaes.

Paragrapho primeiro—São presidentes de honra da Conferencia o Presidente da Republica e o Presidente ou governador do Estado em que se realizar a Conferencia.

Paragrapho segundo—O secretario geral será o da Commissão Executiva e escolherá os auxiliares necessarios, designando um chefe de publicidade que organizará o noticiario e o submeterá á sua approvação.

Artigo X—Todas as theses serão lidas em plenario.

Se houver porém accumululo das mesmas, serão lidas apenas as conclusões e o relatorio geral sobre os themas.

Artigo XI—Após a leitura de todas as theses



referentes ao mesmo thema, o relator geral do mesmo apresentará o seu parecer por escripto, cuja leitura não poderá durar mais de 20 minutos.

Paragrapho unico—Após essa leitura, se iniciará a discussão geral sobre o thema, não podendo membro algum da Conferencia fallar mais de uma vez e por mais de dez minutos.

O relator replicará no fim, dentro do prazo de vinte minutos.

Artigo XII—Os apartes não serão permitidos e, se pronunciados, não serão transcriptos nos *Annaes*.

Artigo XIII—Não serão sujeitas á votação as conclusões das theses e dos pareceres dos relatores.

Artigo XIV—Em nenhuma sessão da Conferencia poderá ser tratado qualquer assumpto que não figure na ordem do dia respectivo.

Paragrapho unico—As ordens do dia deverão ser organizadas e publicadas antes do inicio dos trabalhos da Conferencia.

Artigo XV—As unicas moções ou propostas que impliquem o voto da Conferencia, admissiveis, são as que exprimirem o reconhecimento das gentilezas recebidas de autoridades ou particulares e não envolverem preferencia por determinada orientação tecnica ou administrativa.

Paragrapho unico—Essas moções só deverão ser apresentadas na sessão de encerramento por intermedio do Secretario Geral.

DISPOSIÇÕES TRANSITORIAS—Artigo unico—O presente Regimento será submettido á Commissão Executiva da quarta Conferencia Nacional de Educação.



Paragrapho primeiro—Uma vez approved, a quarta Conferencia se regerà pelo mesmo, a titulo experimental.

Paragrapho segundo—Após o encerramento da quarta Conferencia, este Regimento será submettido á revisão dos representantes dos Departamentos da A. B. E., os quaes o modificarão ou acceitarão, dando-lhe character definitivo para as futuras Conferencias.

\* \* \*

THEMAS—1—Como organizar o Ensino Normal para preparo do professorado primario de accordo com as differentes regiões do paiz?

2—Como preparar o professor rural e como fixal-o ao meio onde deve actuar?

3—Como organizar o Instituto Superior de Educação destinado ao preparo do professorado para o ensino normal e secundario para as pesquisas pedagogicas?

4—Como estabelecer a transferencia dos corpos discentes das Escolas Normaes e a intervalidade dos diplomas?

5—Deve a didactica das diversas disciplinas ficar a cargo de um professor ou dos professores das respectivas disciplinas?

6—Qual deve ser a methodologia do vernaculo nas Escolas Normaes Elementares?

8—Qual deve ser a methodologia do desenho e dos trabalhos manuaes nas Escolas Normaes Elementares?



## IV CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Um inquerito sobre ensino normal promovido pela  
Associação Brasileira de Educação

A proxima Conferencia Nacional de Educação que sob os auspícios do governo de Pernambuco e da Associação Brasileira de Educação, se reunirá no proximo mez de Setembro na cidade de Recife, versará especialmente sobre questões de ensino normal.

Com o fim de melhor systematizar os trabalhos desse certame, levando orientação capaz de dar aos seus resultados uma efficiencia que consulte as necessidades reconhecidas nos varios meios educativos de todo o paiz, resolveu a Secção de Ensino Normal da A. B. E. estudar, em suas reuniões semanaes, com a devida antecedencia, as questões suscitadas pelo momentoso problema. e, assignado pelo seu actual presidente, o Prof. Mello Leitão, dirigiu a varias autoridades no assumpto a seguinte circular:

“Exmo. Sr. — O preparo do professor é, cada vez mais, o problema capital da Educação. A formação de docentes sabedores, de aptidões didacticas verificadas e reconhecidas, com sufficiente conheci-



mento de pedagogia, deve ser o pensamento primordial de todos aquelles que, de qualquer modo, se preocupam com esse problema da Educação. Os professores ruraes, conhecedores do ambiente em que trabalham e a elle radicados, são cada vez mais raros, attrahidos todos desde as facilidades e seducções dos annos de curso, pelas cidades, factores de despovoamento dos campos. Como sanar a essa falta de Mestres, para as escolas ruraes é hoje questão mundialmente focalizada, mesmo nos paizes de areas densas e confortaveis. Como se pensou na formação do mestre primario é mister que se pense ainda mais no professor medio, do chamado curso secundario, entre nós sempre um auto—didacta ou um egresso fallido em outras profissões. A Terceira Conferencia Nacional de Educação, em clamor unisono, bradou pela fundação de institutos para a formação desses professores, por isso que só podemos pensar em um curso medio, efficiente, quando tivermos escolas normaes para os docentes desses cursos, do mesmo modo que só tivemos o ensino primario melhor, mais perfeito, com o funcionamento das Escolas Normaes elementares. A verificação de aptidões didacticas, o conhecimento de um sem numero de questões de psychologia infantil são da maior valia e, ao lado do preparo technico dos mestres, urge que se possam fazer nesse instituto superior pesquisas especializadas, de applicação pedagogica.

Vivem ainda, em nosso paiz, como desconhecidas como estrangeiras, como inimigas, quasi, as escolas



normaes de seus Estados, sem que uns reconheçam os diplomas pelos outros conferidos, sem que seja permittida a transferencia de alumnos. Como sanar esse mal?

Seria talvez possivel fazel-o pela uniformização pedagogica, num entendimento salutar entre as diversas unidades da Federação, num plano que attendesse a nosso grau de cultura e permittisse ao mesmo tempo a visão mais restricta das condições peculiares a cada zona.

O mestre rural, a uniformização do ensino normal elementar, o preparo e selecção do professor secundario, taes foram os pontos considerados primordiales pela secção do Ensino Normal para base de um inquerito. Devendo a quarta Conferencia de Educação, a reunir-se em Recife em Setembro de 1930, estudar exclusivamente o Ensino Normal em todos os seus graus, venho solicitar, com grande empenho a valiosa opinião de V. Ex. sobre estes pontos, synthetizados no questionario junto:

1º—Que denominação dar ás escolas para preparo dos professores ruraes, primarios, secundarios e normaes?

2º—Que organização dar a esses institutos?

3º—Deve haver um typo especial de Escola Normal para preparo de professores ruraes?

4º—Deve haver um grau unico ou diversos graus de Ensino Normal Elementar.

5º—Como devem ser organizados esses graus?

6º—Como realizar a pratica pedagogica?



7º—Qual o melhor meio de acesso para o magisterio official pelos egressos das Escolas Normaes?

8º—Como seleccionar o magisterio secundario e normal?

9º—Como seleccionar os candidatos ás Escolas Normaes?

10º—Como verificar as aptidões dos normalistas?

Todas as respostas serão publicadas em volume, e, não tendo a A. B. E. fundos para essa publicação solicita de cada collaborador desse livro, remetta, com sua opinião, 50\$000 para fazer face ás despesas de impressão desse livro, quota que lhe dará direito a cinco exemplares do mesmo.

As respostas devem ser enviadas, até 31 de Maio, á séde da Associação Brasileira de Educação, Departamento do Districto Federal, rua Chile n. 23, 1º andar, endereçadas ao presidente da secção de Ensino Normal.

Esperando que V. Ex., cujo amor pelas coisas de ensino é amplamente conhecido e justamente louvado, venha trazer ao livro de Ensino Normal o prestigio de seu nome e o brilho de sua contribuição, subscrevo-me. — Admirador obrigado — *C. F. Mello Leitão*".



# ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE EDUCAÇÃO

## ESTATUTOS

Art. 1º A Associação Bahiana de Educação tem por objectivo promover, no Estado da Bahia, a difusão e o aperfeiçoamento da educação em todos os ramos e cooperar em quantas iniciativas tendam directa ou indirectamente a esse objectivo.

§ unico — A Associação Bahiana de Educação trabalhará incessantemente pela elevação da classe dos professores, esforçando-se pelo seu aperfeiçoamento intellectual e technico, desenvolvendo entre elles o espirito de profissão e o sentimento de suas responsabilidades e buscando para o magisterio o apreço e o relevo que lhe devem ser tributados.

Art. 2º A Associação Bahiana de Educação manterá a mais estreita collaboraçãõ com as demais sociedades de Educação do paiz e do estrangeiro, procurando assim cooperar para a obra commum de educação nacional e de solidariedade humana, podendo filiar-se a quaesquer federações de sociedades de educação;

§ unico — Para mais efficientemente alcançar o seu desideratum, a Associação Bahiana de Educação organizará as secções que julgar convenientes.



Art. 3º Constituem a Associação Bahiana de Educação os socios effectivos, benemeritos e honorarios, em numero illimitado.

§ 1º Os socios effectivos são os que, alem de prestar á Associação o concurso de sua actividade pessoal, contribuam com a annuidade de 10\$000.

§ 2º Os socios benemeritos serão os que tiverem contribuido para os cofres da Associação com a quantia minima de 1:000\$000.

§ 3º Os socios honorarios serão os que por terem prestado serviços notaveis á causa da educação ou em particular á Associação forem julgados dignos dessa distincção pelo voto expresso da maioria absoluta do Conselho Director.

§ 4º Os socios assumem a obrigação moral de manter a Associação e assegurar-lhe a realização dos objectivos.

Art. 4º A admissão de socios effectivos será feita mediante simples inscripção do seu nome em livro para esse fim existente na Secretaria Geral da Associação e mediante approvação pela Directoria, com recurso para o Conselho Director.

Art. 5º A Assembléa Geral da Associação compõe-se de todos os socios em pleno goso dos seus direitos, reunindo-se ordinariamente na primeira semana de Abril e extraordinariamente quando convocada pela Directoria.

§ 1º A Assembleia Geral ordinaria elegerá dentre os socios effectivos os que devem constituir o Conselho Director, tomará conhecimento do relatorio



geral da Directoria bem como da prestação de contas do thesoureiro relativa ao anno social findo.

§ 2º Compete á Assembleia deliberar sobre qualquer resolução do Conselho Director e da Directoria, podendo revogar as que contrariem os objectivos ou estatutos da Associação.

§ 3º As Assembleas Geraes serão convocadas pela Imprensa com 5 dias, pelo menos, de antecedencia e deliberarão com a presença de mais de 20 socios e com qualquer numero em segunda convocação.

§ 4º O Anno Social terá inicio no dia em que se reunir a Assembleia Geral ordinaria, na primeira semana de Abril.

Art. 6º O Conselho Director compõe-se de 20 membros eleitos por um anno pela Assembléa Geral ordinaria.

§ unico—Os socios effectivos eleitos para preenchimento das vagas do Conselho Director completarão apenas o mandato daquelles que tiverem de substituir.

Art. 7º A Directoria da Associação compõe-se de 5 socios dos eleitos para o Conselho Director e por este por sua vez eleitos annualmente para desempenharem as funções de Presidente, 1º Vice-presidente, 2º Vice-presidente, Secretario Geral e Thesoureiro.

§ unico—Essa eleição far-se-á na semana immediata á da Assembléa Geral ordinaria, por escrutinio secreto, terminando o mandato da antiga Directoria no dia da posse da Directoria recentemente eleita.

Art. 8º Compete ao Conselho Director:



a) eleger dentre os seus membros a Directoria da Associação;

b) preencher por eleição as vagas que occorrem entre os membros, ou na Directoria, até a Assembléa Geral seguinte;

c) deliberar sobre as despesas que, na forma destes Estatutos, escapem á competencia da Directoria;

d) conceder titulos de socios honorarios e benemeritos;

e) estabelecer as normas que entender convenientes para a regularidade dos trabalhos da Associação;

f) estudar as questões de ordem geral que interessem á Associação;

g) crear as secções e commissões permanentes ou especiaes, a medida que a sua necessidade se fôr fazendo sentir;

h) reconhecer as Associações Municipaes que se tenham organizado, com os mesmos objectivos da Associação Bahiana de Educação e que a ella se filialem;

i) resolver sobre os casos previstos nestes Estatutos.

§ 1. As reuniões do Conselho Director realizam-se com a presença pelo menos de tres socios alem da maioria da Directoria, deliberando sempre por maioria dos membros presentes, salvo quando se tratar de conferir titulos de socios honorarios ou benemeritos, ou quando se tratar de autorização de



despeza, casos em que se exige a presença de 2/3 pelo menos de seus membros.

§—2° O Conselho Director reunir-se-á obrigatoriamente uma vez por mez e extraordinariamente quantas vezes o julgar necessario a Directoria da Associação.

§—3° Considera-se como tendo renunciado o lugar de membro do Conselho Director o que deixar de comparecer, sem causa justificada, a tres sessões e, por motivo justificado ou não, a cinco sessões consecutivas, salvo licença previa do Conselho Director.

Art. 9° Compete á Directoria:

a) promover; fiscalizar e orientar todos os trabalhos da Associação;

b) angariar recursos para a Associação, applicar-lhe os haveres, auctorizar despesas até um conto de reis, e dahi por deante sempre ad referendum do Conselho Directorio e administrar todos os bens sociaes;

c) propor ao Conselho Director a criação de secções, e commissões permanentes, e, uma vez as mesmas approvadas, inscrever nellas os socios que desejarem; em especial tomar parte nos respectivos trabalhos ou nomeár os que as devam constituir.

d) convocar os presidentes das secções e commissões sempre que for preciso inteirar-se dos seus trabalhos;

e) promover a organização dos departamentos municipaes;



f) designar os delegados da Associação submettendo a nomeação á approvação do Conselho Director.

g) eliminar os socios que estiverem no atrazo de um anno no pagamento de sua contribuição;

h) convocar extraordinariamente a Assembléa Geral, quando julgar conveniente, ou a requerimento de 21 socios effectivos, em pleno gozo de seus direitos.

§ 1.º As reuniões da Directoria realizar-se-ão com a presença da maioria dos Directores.

§ 2.º A substituição interina de qualquer membro da Directoria será feita pelo Presidente dentro dos membros do Conselho Director.

Art. 10.—Os delegados da Associação serão as pessoas idoneas que a Directoria nomear nos municipios onde não houver Associações locais filiadas, cabendo-lhes communicar á Directoria tudo que occorrer na localidade, relativamente aos assumptos de interesse da Associação.

§ unico.—Considerar-se-á como tendo renunciado ao cargo o delegado que tiver deixado de responder aos pedidos de informação da Directoria.

Art. 11.—A Associação Bahiana de Educação será representada em juizo ou fora pelo Presidente em exercicio.

Art. 12.—Os socios não respondem subsidiariamente pela obrigações contrahidas pela Associação.

Art. 13.—O tempo de duração da Associação é indeterminado.



**Art. 14.**—A Receita social é constituída pelas contribuições dos socios e por donativos e subvenções e applica-se ao preenchimento dos fins sociaes conforme deliberação da Directoria ou do Conselho Director.

**§ unico.**—O patrimonio social, ao qual reverterá annualmente 50% do saldo liquido verificado entre a receita e a despeza do respectivo exercicio, só poderá ser alienado mediante licença de 2/3 da Assembléa Geral da Associação.

**Art. 15.**—Qualquer alteração destes Estatutos só poderá ser considerada approvada quando obtiver o voto favoravel de 2/3 dos socios presentes a duas Assembléas Geraes especialmente convocadas para esse fim.

**§ unico.**—Não poderão ser feitas alterações nestes Estatutos em qualquer hypothese, dentro do prazo de dois annos da sua approvação.

**Art. 16.**—Estes Estatutos só entrarão em vigor, no tocante á escolha da Directoria, a partir da 1ª Assembléa Geral de Abril.



## INDICE

	<i>Pags.</i>
<i>O Dia da Patria</i> , pelo dr. Aristides Novis. . . . .	1
<i>Porque «Escola Nova»?</i> , pelo dr. Anisio Spinola Teixeira	17
<i>A Calliphasia ou Declamação</i> , pela sra. Noemia Nascimento Gama. . . . .	50
<i>Psychologia e Educação</i> , pelo dr. Isaias Alves. . . . .	69
<i>Historia Contemporanea</i> , pelo dr. Archimedes Pereira Guimarães. . . . .	82
<i>A Educação Infantil e o Methodo Montessori</i> , pelo prof. Alipio Franca. . . . .	88
<i>O Espirito Tradicional e A Educação do Povo</i> , pelo dr. Pedro Calmon. . . . .	93
<i>A Lição de S. Paulo</i> , pelo dr. Anisio Spinola Teixeira	106
<i>Como Desenvolver o Ensino Profissional na Bahia</i> , pelo dr. Americo Simas. . . . .	116
<i>Tests Mentaes e Pedagogicos</i> , pelo dr. Isaias Alves.	129
<i>Para o Melhor Ajustamento do Alumno á sua Classe</i> , pelo sr. João José do Nascimento Junqueira.	135
<i>Semana de Educação</i> . . . . .	147
<i>Associação Brasileira de Educação</i> . . . . .	149
<i>Conferencia Nacional de Educação</i> . . . . .	154
<i>Federação Nacional das Sociedades de Educação</i> . . . . .	163
<i>Sello Educacional</i> . . . . .	171
<i>Semana de Educação de 1930</i> . . . . .	174
<i>IV Conferencia Nacional de Educação</i> . . . . .	175
<i>Idem</i> . . . . .	180
<i>Associação Bahiana de Educação</i> . . . . .	184



## Censelho Director do Departamento da Bahia

2-4-1929 —2-4-1930

Presidentes: *Alfredo Ferreira de Magalhães*  
*Professora Amphrisia Santiago*  
*Americo Furtado de Simas*  
*Joaquim Ignacio Tosta Filho*

Secretario-Geral: *Archimedes Pereira Guimarães*

Thesoureiro: *Joaquim Faria Goes Filho*  
*José Carlos Junqueira Ayres de Almeida*  
*Anisio Spinola Teixeira*  
*Bernardino José de Souza*  
*Archimedes de Siqueira Gonçalves*  
*Monsenhor Ildefonso de Oliveira*  
*Professora Eufrosina Amelia de Miranda*  
*Professora Alzira de Lourdes Assis*  
*Professora Zulmira Meirelles Torres*  
*Ernesto Carneiro Ribeiro Filho*  
*Isaias Alves de Almeida*  
*Arthur Newton de Lemos*  
*Jayme Junqueira Ayres*  
*Octavio Fontes de Farias*  
*Francisco Magalhães Netto*  
*Deraldo Dias de Moraes*  
*Antonio Augusto Machado*  
*Francisco Hermano de Santanna*  
*Epaminondas Torres*  
*Paulo Pedreira de Cerqueira*  
*Joaquim Reis Magalhães*  
*Alberico Fraga*  
*José Nivaldo Allioni*  
*Adolpho Frederico Tourinho*  
*Herbert Parentes Fortes*



A REVISTA DE EDUCAÇÃO será distribuída gratis aos membros do departamento da Bahia da A. B. E.

---

Para os extranhos:

Assignatura (seis numeros) . . . . .	10\$000
Numero avulso . . . . .	2\$000

---

Toda correspondencia deve ser dirigida ao Secretario Geral, na Directoria Geral de Instrucção.